

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Básica e Profissional
Centro Pedagógico
Curso de Especialização em Tecnologias Digitais e Educação 3.0

Jaqueline Alves Silva Soares

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, DIVERSIDADE E PROTAGONISMO INFANTIL:
uma proposta de uso das tecnologias digitais na escola

Belo Horizonte

2019

Jaqueline Alves Silva Soares

**SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, DIVERSIDADE E PROTAGONISMO INFANTIL:
uma proposta de uso das tecnologias digitais na escola**

Versão final

Monografia de especialização apresentada à Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Tecnologias Ditas e Educação 3.0.

Orientador: Santer Alvares de Matos

Belo Horizonte

2019

CIP – Catalogação na publicação

S676s Soares, Jaqueline Alves Silva
Sequências didáticas, diversidade e protagonismo infantil: uma proposta de uso das tecnologias digitais na escola / Jaqueline Alves Silva Soares - Belo Horizonte, 2019.
84 f. il. color.; enc.

Monografia (Especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico, Belo Horizonte, 2019.

Orientador: Santer Alvares de Matos

Inclui bibliografia.

1. Tecnologias digitais. 2. Sequências didáticas – Material didático. 3. Inclusão em educação. I. Título. II. Matos, Santer Alvares de. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico.

CDD: 371.334

CDU: 37.02

Elaborada por: Biblioteca do Centro Pedagógico/EBAP/UFGM
Danielle Teixeira de Oliveira – CRB-6: 3516

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Cursista: JAQUELINE ALVES SILVA SOARES

Título do Trabalho: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, DIVERSIDADE E PROTAGONISMO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): Santer Alvares de Matos

Professor(a) examinador(a): Luciene da Silva Reis de Araújo

PARECER

Aos 30 dias do mês de novembro de 2019, reuniram-se na sala secretária do Curso de Curso de Especialização em Tecnologias Digitais e Educação 3.0, o professor orientador e o examinador, acima descritos, para avaliação do trabalho final do(a) cursista JAQUELINE ALVES SILVA SOARES.

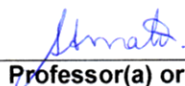
Após a apresentação, o(a) cursista foi arguido e a banca fez considerações conforme parecer anexo.

A nota do trabalho foi de 100 pontos. (Nota de 0 a 100)

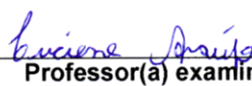
Assim sendo, a banca considera o trabalho (Assinale com um X):

- ☒ Aprovado sem ressalvas.
- ☐ Aprovado com ressalvas e re-entrega até 03/02/2020.
- ☐ Reprovado com reagendamento de nova defesa até 02/03/2020.

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2019.



Professor(a) orientador(a)



Professor(a) examinador(a)

PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURSISTA:	Jaqueline Alves Silva Soares
ORIENTADOR:	Santer Alvares de Matos
TÍTULO:	SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS, DIVERSIDADE E PROTAGONISMO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA ESCOLA
DATA DEFESA:	30/11/2019

Após leitura do trabalho de conclusão de curso e apresentação, o(a) aluno(a) foi arguido e sugiro o seguinte encaminhamento:

☒ aprovação sem ressalvas.

☐ aprovação com ressalvas.

Ressalvas:

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2019.



Luciene da Silva Reis de Araújo

CPF: 062.647.616- 05

*Aos meus anjos, Miguel e Gabriel, por me inspirarem a alcançar meus sonhos.
A Daniel, meu esposo e cúmplice de todas as minhas realizações.*

AGRADECIMENTOS

À tutora Eliane Silvestre Oliveira e ao professor Santer Alvares de Matos, agradeço pela orientação e por todos os ensinamentos que contribuíram para meu crescimento acadêmico.

Um agradecimento especial ao professor Ernane Duarte Nunes que tem me acompanhado nesta trajetória desde o Ensino Médio e que me incentivou nesta jornada, sempre acreditando no meu potencial.

Agradeço especialmente ao meu esposo Daniel, que sempre esteve me apoiando em tudo e aos meus pais, Wanda e Adalberto, por sempre celebrarem minhas conquistas.

Nas pessoas de Dayse Regina da Silva Militão e Fabiane de Araújo Teixeira Diniz, agradeço a todos meus colegas de profissão, com os quais pude compartilhar um pouco do que aprendi nesta formação.

RESUMO

Sob a perspectiva de uma educação que privilegie o protagonismo da criança na construção do conhecimento, o presente trabalho propõe o uso da sequência didática como forma de ensino e aprendizagem na abordagem da diversidade e inclusão, permeada pelo uso da linguagem digital e das metodologias ativas. Através de diversos recursos digitais, como apresentações, áudio, imagem, vídeo, animações e uso de rede social, procurou-se desenvolver os conteúdos curriculares propiciando maior envolvimento dos estudantes e o desenvolvimento das competências socioemocionais. As metodologias ativas trazem o aluno para o centro da aprendizagem, permitindo sua participação e a construção coletiva do conhecimento baseada numa pedagogia da escuta, atenta aos interesses e necessidades do educando e acreditando no seu potencial. Não é possível que a escola ainda ignore a influência da cultura digital na cultura dos alunos. O professor precisa estar munido de conhecimento e interesse para aprender a lidar com as novas tecnologias, superando assim seus medos e dificuldades e, por que não, aprender com quem tem pouca idade, mas tem mais afinidade com estas inovações.

Palavras-chave: Sequências Didáticas. Cultura digital. Tecnologias digitais. Metodologias ativas. Protagonismo infantil. Diversidade e inclusão.

ABSTRACT

Under the perspective of an education which privileges the protagonism of the child in the construction of knowledge, the present work proposes the use of the didactic sequence as a way of teaching and learning in the approach of diversity and inclusion, permeated by the use of digital language and active methodologies. Through various digital resources, such as presentations, audio, image, video, animations and the use of social networks, we have tried to develop the curricular contents by providing greater involvement of students and the development of socio-emotional skills. The active methodologies bring the student to the center of learning, allowing their participation and the collective construction of knowledge based on a pedagogy of listening, attentive to the interests and needs of the student and believing in their potential. It is not possible that the school still ignores the influence of digital culture influence on the students' culture. The teacher needs to be equipped with knowledge and interest to learn how to deal with new technologies, thus overcoming his fears and difficulties and, why not, learn from those who are young but have more affinity with these innovations.

Keywords: Didactic Sequences. Digital culture. Digital technologies. Active methodologies. Child protagonism. Diversity and inclusion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. MEMORIAL	12
3. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	19
3.1 Mesmo diferentes, somos todos iguais	19
3.2 A beleza de ser negro	29
3.3 Quem conta um conto...	38
3.4 Criando animações de cadeias alimentares	52
3.5 Meninas na História	64
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

O professor da atualidade lida com diversos desafios, dentre eles as exigências de um currículo cada vez mais complexo, a diversidade de culturas e níveis de aprendizagem dentro de uma sala de aula, sem falar da pouca valorização dada à carreira e a necessidade de se atualizar sempre, diante dos avanços tecnológicos que cada vez se tornam mais atraentes aos olhos das crianças e jovens. Difícil competir com tantas tecnologias. Na verdade, impossível, diante de uma geração de nativos digitais¹ que utilizam no seu dia a dia as tecnologias digitais como a internet, smartphones e computadores, aplicativos diversos e jogos eletrônicos. O professor do século XXI é, mais do que nunca, um eterno aprendiz. Não há outro caminho a percorrer. Do contrário, seremos todos engolidos por este mundo repleto de informações regido por uma sociedade líquida².

Participar de uma formação que permita o aprofundamento sobre a educação e as tecnologias digitais é uma oportunidade ímpar de romper com muitos paradigmas que ainda hoje cerceiam e enrijecem o fazer pedagógico. Não é possível inovar sem romper com estes paradigmas. Não há como ignorar o que está diante dos nossos olhos: as tecnologias digitais chegaram a todos de alguma forma e vêm modificando nossa forma de viver. Acreditar que a escola pode ainda sobreviver sem a influência dessas tecnologias é ignorar que ela é uma instituição parte da sociedade, que sofre os impactos de quaisquer mudanças que venham a ocorrer no seu entorno. Duvidar do potencial dos estudantes e de sua capacidade de fazer bom uso de seus smartphones e outros recursos digitais para fins acadêmicos é ignorar sua capacidade de aprender e de formar-se cidadão. Para isso, antes de tudo é preciso repensar quais nossas concepções de criança/jovem, de educar e de escola.

¹ O termo “nativos digitais” é apresentado por Prensky (2001), definindo assim as pessoas que “nasceram e cresceram junto com o desenvolvimento e expansão das tecnologias”, utilizando a internet e outras tecnologias de forma natural e tendo uma vida social também no ciberespaço. Esta cultura digital define a forma com que estas pessoas veem e se relacionam com o mundo. (GEWEHR, 2016).

² Sociedade líquida é o termo utilizado pelo polonês Zygmunt Bauman para definir a sociedade atual, caracterizada pelas constantes mudanças e pela volubilidade do conhecimento. (BAUMAN, 2007, *apud* GEWEHR, 2016).

Ao longo desta formação, várias foram as oportunidades de rever conceitos e de conhecer diversos estudos sobre o tema, ampliando o conhecimento sobre o uso de tecnologias digitais na escola com reflexões teóricas importantes aliadas à prática. Isto me proporcionou um pensar e um fazer diferente, com respaldo teórico que me permitiu compartilhar alguns conhecimentos com a equipe. As ideias colocadas em prática geraram interesse por parte dos alunos e colegas de trabalho. Os recursos que conheci e experimentei no curso como aplicativos, vídeos, softwares, sites, foram sugeridos às colegas professoras e aplicados nos planejamentos das aulas no laboratório de informática, gerando mais aprendizagem e motivação. Posso dizer que, além de minhas experiências pessoais com o uso das tecnologias digitais neste curso de especialização, pude vivenciar o uso de alguns destes recursos pelos alunos, dentro da escola, de uma forma bem positiva e surpreendente. E foi possível compreender que, mesmo muitos tendo à mão um smartfone com diversos recursos, é possível afirmar que boa parte desconhece as suas diversas funcionalidades e não têm a dimensão da utilidade desta ferramenta ou de um computador em sua vida escolar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz a nós esta nova responsabilidade, de inserir no currículo a linguagem digital de forma que os alunos compreendam, utilizem e criem “tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais”, tornando-se protagonistas na vida pessoal e coletiva. (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p.9). Só é possível desenvolver estas competências mediante muito estudo e vontade de inovar, rompendo com a ideia equivocada de que as mídias digitais são apenas formas diferentes de se fazer o mesmo. Faz-se necessário pensar neste aluno como alguém capaz de criar e se expressar por meio delas. Por meio da metodologia de sequências didáticas, pretende-se percorrer um caminho entre conteúdos escolares e o uso das tecnologias digitais para promover uma aprendizagem ativa e reflexiva, que tenha significado para o estudante.

De acordo com o Glossário Ceale, o termo “sequência didática” se refere a um “conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático”, sendo organizada em torno de um gênero textual ou de um conteúdo específico, podendo envolver diferentes áreas do conhecimento através da interdisciplinaridade. (PESSOA, 2014, *on-line*). A proposta de utilizar a sequência didática como forma de ensino e aprendizagem permitiu traçar um

percurso entre os conteúdos e o uso de recursos digitais diversos, como apresentações, áudio, imagem, vídeo, animações e redes sociais. As metodologias ativas propiciam maior envolvimento dos estudantes e geram mais conhecimento e desenvolvimento das competências socioemocionais. Aliadas ao uso das tecnologias digitais é possível promover uma aprendizagem mais personalizada, colaborativa e orientada pelo professor, que é parte essencial neste processo. (MORAN, 2013).

Este Portfólio não almeja ser um compilado de “receitas prontas”, mas uma pequena coletânea de sequências didáticas construídas ao longo desta formação, envolvendo o uso de diferentes tecnologias digitais, considerando, logicamente, o contexto em que atuo (educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental) e componentes curriculares que tenho mais afinidade. Não foram todas aplicadas, mas todas construídas com base no trabalho já exercido junto às professoras regentes nas aulas de informática educativa, pensando em crianças de diversas realidades presentes na escola pública. Podem ser facilmente adaptadas e servem como sugestões aplicáveis à sala de aula, para diversos conteúdos. Espera-se que este trabalho contribua com a prática dos docentes da educação infantil e séries iniciais, permitindo maior participação, autonomia e motivação dos alunos na construção do conhecimento, apropriando-se das tecnologias digitais da comunicação e informação para exercerem seu direito de aprender, de se expressar e de criar.

2 MEMORIAL

Minha história com a Tecnologia e a Educação

Falar da minha trajetória pessoal e profissional passa pelo contato com a evolução das tecnologias, pois elas transformaram a minha forma de ser e estar no mundo. Aos meus 36 anos, posso afirmar que diante de tantas mudanças da passagem do século XX para XXI, não há como perceber as mudanças na minha própria maneira de ser e me perceber, pois,

junto com os reluzentes espaços e utensílios que a contemporaneidade tem dado à luz, disseminam-se outras formas de edificar a própria subjetividade e, também, novas maneiras de se relacionar com os outros e de se posicionar ou atuar no mundo. (SIBILIA, 2012, p.203).

Sou Jaqueline, tenho 36 anos e nasci em Caetanópolis, no ano de 1983, década em que muitos avanços tecnológicos surgiram e passaram a fazer parte da nossa vida. Meu pai, formado em um curso por correspondência em técnico em eletrônica, desde meu nascimento, trabalhava com consertos de aparelhos eletrônicos, como televisores de tubo e rádios diversos. Eu cresci em meio a peças, fios de cobre, placas, transistores... sem saber direito como funcionavam, sem ser seduzida por aquelas parafernalias. Isto porque aquelas “coisas” saíam da sua oficina e chegavam à nossa casa, sem pedir licença. E minha mãe, ficava uma “pilha”, por ver aquelas TVs enormes e aqueles rádios tomando conta de casa... E o pior, quando a gente começava a curtir uma TV, pensando ser nossa, logo ela desaparecia, sendo vendida ou trocada por outro eletrodoméstico. Assim foi com o som, com o videogame, com o órgão eletrônico que fazia som de ventilador, com os gravadores portáteis.

Foi com um gravador que acredito ter começado minha paixão pelas tecnologias... Tinha uns 9 anos quando fui apresentada a um daqueles walkmans amarelos, quando na casa da minha avó, num dia de domingo, meu tio começou a nos fazer perguntas como se fosse uma entrevista, sem sabermos que estávamos sendo gravados. E qual foi minha surpresa ao ouvir minha própria voz no gravador! Naquele dia experimentei aquele objeto, realizando entrevistas com primos, tios e minha saudosa avó Eni. Aquela fita foi ouvida várias vezes pela família. Brincar de

rádio foi algo que fez parte da minha infância, e a “Rádio Boa-Esperança” rendeu muitas fitas gravadas, algumas na casa de primos e até de uma vizinha. Era realmente uma diversão, a ponto de passarmos boa parte do dia gravando.

Quando comecei a trabalhar com meus 14 anos, a primeira aquisição foi um som portátil com toca fita e CD, e depois um walkman. Aquilo era o meu sonho de consumo. Eu também manuseava com frequência o aparelho de som da minha tia, ouvindo os discos, CDs e fitas cassetes da sua coleção (eu era a única sobrinha que ela permitia mexer). E ainda copiava do CD para a fita, fazendo isso com maestria.

O videogame também foi minha paixão. Não era nenhuma fanática, até porque como disse anteriormente, era comum aparecer um Atari que meu pai tinha negociado com alguém, e depois aparecer uma proposta de venda. Assim, ia embora nossa alegria de reunir os vizinhos e primos para ficar o sábado inteiro jogando aqueles joguinhos. Depois, meu primo ganhou um Mega Drive, que foi a sensação, e adorava ir para sua casa jogar Sonic e Mortal Kombat.

Mas o vídeo era algo que me intrigava. Passei boa parte da minha infância frente a TV, e quando o programa da Xuxa terminava, lá estava eu chorando. Um belo dia, eu devia ter uns 5 anos, meu pai me perguntou se eu queria entrar na televisão para ir ao “Xou da Xuxa”. E eu, toda ingênua, fui para trás da estante, esperando que a magia fosse realmente acontecer, porque meu pai tinha superpoderes, ele sabia consertar uma TV, logo poderia colocar-me lá dentro... A filmadora foi algo muito distante da minha realidade (era coisa de rico), e quando me vi numa gravação caseira de uma festa de aniversário de uma vizinha da minha avó, achei uma coisa muito estranha mesmo. Então, quando me casei, tive meu primeiro celular que fazia vídeos, um Nokia Startac, não perdi a oportunidade. Gravava tudo que podia: meu cachorro, momentos com a família e cada fase do meu filho.

Meu contato com o computador se deu uma década antes, quando aos meus 15 anos iniciei um curso de informática no Sesi. Ah, como eu adorava, depois de subir aquele morro de bicicleta, num calor escaldante, chegar naquela sala com ar condicionado e, ao som dos *Backstreet Boys* que o instrutor colocava, aprender o básico naquelas máquinas com Windows 95, como abrir pastas, fechar janelas, digitar textos e formatar documentos. Mal sabia eu que anos depois passaria a depender desta ferramenta no trabalho e nos estudos, até eu ganhar meu primeiro computador, herdado do meu irmão, quando ele saiu de casa para fazer sua faculdade de Engenharia Química. Aquela máquina era um “dinossauro”, mas me

serviu nos primeiros anos da faculdade, até que meu esposo me comprou um notebook, vendo meu drama com os estudos e a necessidade de ter um computador que facilitasse minha vida acadêmica.

Falando em vida acadêmica e lembrando meu percurso escolar, entre os anos de 1989 e 2000, estudei em uma única escola, estadual, próxima à minha casa. Lá concluí o ensino médio, e, mesmo estando no final do século XX, as tecnologias como o computador chegaram bem lentamente. Não tínhamos laboratório de Ciências, e o laboratório de informática, recém-inaugurado quando eu estava no ensino médio, não era acessível a nós nos horários de aula, demonstrando uma falta de conexão com a Proposta Pedagógica da escola. Cheguei a participar de um projeto de aulas de informática, que funcionava aos domingos, sendo realizadas pelo professor de física, que tinha muito conhecimento na área da computação. Os conteúdos ministrados eram conhecimentos básicos sobre o funcionamento do computador e modos de utilizá-lo, sem nenhuma relação com os conteúdos escolares. Durante este meu percurso na educação básica, pouco contato tivemos com estes recursos tecnológicos. Os professores utilizavam o rádio para trabalharem alguma música em algum conteúdo, e o professor de Geografia utilizava a TV para passar algumas fitas da TV escola. A fotografia era utilizada em momentos muito especiais da escola, e não tínhamos acesso às fotos. E as atividades na maior parte do tempo que passei nesta escola eram reproduzidas no mimeógrafo, até que, no ensino médio, alguns professores utilizavam cópias xerografadas, que imprimiam em casa ou na secretaria da escola.

No mesmo ano em que formei, iniciei o curso de Magistério em uma escola particular. Parte da mensalidade era uma bolsa oferecida pela prefeitura, e éramos a última turma do magistério pós-médio. Lá também não era diferente, não tínhamos acesso a computadores e nem me recordo de usarem o retroprojeto. Este meu primeiro contato com a escola como estagiária e posteriormente como professora na educação infantil me permitiu no máximo o uso de músicas nas aulas. O mimeógrafo era o meio disponível para reproduzir as atividades, e modestia parte eu sabia preparar as matrizes antes mesmo de começar a exercer a profissão, porque na quarta série minha professora me pedia para fazer os desenhos nas matrizes que ela utilizava conosco nas aulas.

Mas no meu percurso profissional a escola não foi meu primeiro ambiente de trabalho. Antes de concluir o ensino médio, antes mesmo de iniciá-lo, meu primeiro

emprego foi na loja de artigos para presentes da minha tia, aos 14 anos. Lá eu trabalhei até os 21, depois, trabalhei como vendedora em uma loja maior de confecções, e como secretária no escritório de uma serraria de ardósia. Foi quando me casei, em 2005, e meses depois fui aprovada em um processo seletivo para trabalhar como agente comunitária de saúde, tornando-me uma funcionária da prefeitura municipal. Até que, um ano depois, eu fui convidada pelo Secretário de Saúde e pelo Prefeito a assumir um cargo de chefia na Secretaria de Saúde da minha cidade. Lá, o computador foi minha ferramenta de trabalho, lidando com sistemas de informação, redigindo ofícios, realizando prestações de contas. Atuando junto a pessoa com formação superior, como médicos, enfermeiras e relacionando-me com pessoas que trabalhavam na Gerência Regional de Saúde, fui, de certa forma, impulsionada a buscar uma formação superior. Mas eu sabia que a área de saúde não era bem a minha “praia”. A educação era algo que estava latente em mim, e tudo que se relacionava a ela me interessava. Então, sete anos depois de ter concluído o Magistério, estava eu de volta à sala de aula. Consegui uma bolsa do ProUni e iniciei meu curso de Pedagogia, na Unifemm. O curso era presencial e eu estava grávida, de 5 meses. Foi desafiador e, ao mesmo tempo, uma grande alegria.

Fazer faculdade, este foi certamente um marco em minha vida. Ser estudante de pedagogia me permitiu compreender e vivenciar de perto o uso das tecnologias digitais que promoviam mais que a inclusão social, caminhos para uma aprendizagem mais criativa e motivadora. Era comum o uso de vídeos pelos professores, slides e músicas. Tínhamos acesso ao laboratório de informática, que era bem equipado e funcionando adequadamente. Além disso, a plataforma da Universidade nos permitia um acesso restrito às notas dos trabalhos e avaliações, solicitação de documentos, dentre outras facilidades. A Biblioteca era informatizada e as pesquisas no acervo eram facilmente realizadas. Havia um departamento de xerox dentro da faculdade, que tirava rapidamente as cópias em frente e verso, em máquinas modernas e eficientes. Este mundo novo me foi apresentado durante os anos de 2008 a 2011, quando cursei a licenciatura. Neste tempo, começava a utilizar de forma mais constante a internet, o e-mail e as redes sociais Messenger e Facebook. Vi o quanto a tecnologia facilitava a nossa vida, otimizando o tempo e encurtando distâncias.

Mas, ao me deparar com a realidade escolar, confesso ter sentido uma frustração. Quando comecei a atuar como professora na educação infantil, em 2010,

eu tinha latente este desejo de inovar, de aproximar os conteúdos à realidade e interesse das crianças, e é claro que isso perpassava pelo uso das tecnologias e dos diversos recursos disponíveis. A escola dispunha de poucos recursos, então eu levava meu notebook para a sala quando queria passar um vídeo, aprendi a baixar conteúdos, porque não tínhamos internet acessível às salas de aula. Levava histórias, desenhos animados, músicas diversas, e utilizava a câmera fotográfica para registrar muitos momentos com as crianças. Isso passou a ser parte da minha prática, juntamente com a escola que começou com um blog a divulgar o trabalho realizado. Minha pesquisa se deu em torno da música na educação infantil, sendo aplicado um projeto na minha turma e para isso os registros de fotos e vídeos foram também muito importantes. Atuando em 2012 como professora de apoio de um aluno com paralisia cerebral, vi nas tecnologias digitais um importante recurso para facilitar a vida escolar no meu aluno, que cursava na época o 2º ano do ensino médio. A escola não possuía laboratório de informática em bom funcionamento, mas me possibilitava o uso do computador com meu aluno. Para evitar as cópias desgastantes, eu realizava adaptações nas atividades e explorava com ele o uso do computador nos trabalhos escolares. Quando assumi meu cargo na escola estadual de séries iniciais em 2013, me deparei com uma realidade triste: o laboratório de informática tinha poucos computadores, e poucos deles funcionavam. Era difícil desenvolver um trabalho com a informática educativa, pois quase sempre o que se propunha a realizar não era possível. Era comum chegar com os alunos na sala e os computadores não funcionarem, o que causava uma grande ansiedade por parte dos alunos e uma frustração enorme. Havia uma cultura equivocada quanto ao uso dos computadores, pois os alunos chegavam e iam logo mexendo e jogando o que queriam, sem qualquer planejamento. Até que foi retirado o horário da informática da grade curricular, e o laboratório desativado. Com a mudança de gestão, em 2015, foram adquiridos 20 notebooks novos da Positivo e aí, engajamos num projeto de desenvolver semanalmente a informática educativa, como forma de explorar os conteúdos curriculares, tendo duas professoras de biblioteca responsáveis pela montagem da sala e suporte nas atividades. Havia a preocupação em preservar os equipamentos, evitando mau uso e atos de vandalismo. Tem sido até o momento uma experiência exitosa, que tem rendido bons frutos. Como professora responsável no turno matutino, todas as terças-feiras, monto os notebooks, deixo-os ligados e dou o suporte às professoras regentes para desenvolverem suas atividades, dentro

do planejamento semanal, sugerindo jogos, vídeos, simulações, sites e softwares. E os alunos amam as aulas, sabem como se comportar, respeitam as regras e têm usufruído bem das aulas no laboratório de informática. Percebo também que as professoras aderiram bem à proposta e estão mais autônomas em relação ao uso dos recursos digitais, acatando as sugestões e incorporando-as ao planejamento. Até o ano passado, tudo o que eu sabia sobre tecnologias digitais e educação era fruto da minha curiosidade e prática pedagógica. Como mãe, vi meu filho crescer fazendo parte desta geração de nativos digitais³, atraído pelas tecnologias como o celular, o computador, tablet e jogos eletrônicos. Foi então que surgiu a oportunidade de fazer um curso de Desenvolvedor de Jogos Eletrônicos pela Universidade Aberta do Brasil, no polo de Sete Lagoas, em 2017. No final da minha segunda gravidez, me aventurei com meu esposo Daniel a conhecer um pouco deste mundo fascinante da programação. Foi o suficiente para nos encantarmos e experimentarmos as possibilidades que a programação pode promover na escola. Ao mesmo tempo, a escola em que atuo no ensino fundamental começou um projeto de iniciação à programação com uma turma piloto utilizando o Scratch, uma iniciativa de um engenheiro e funcionário da Uol, nascido na nossa cidade, que desejava partilhar com nossos alunos um pouco do conhecimento que mudou a sua vida. Até que surgiu esta oportunidade de eu fazer uma pós-graduação na UFMG, um sonho que parecia ser um tanto distante para mim. Quando recebi o edital por e-mail fiquei muito interessada e comecei a vislumbrar esta possibilidade. Entrei de cabeça no processo seletivo, estudei, li os textos propostos, fui encorajada pelo meu esposo e fui aprovada com ótima colocação. E cá estou, participando desta formação que tem acrescentado muito à minha prática escolar e junto à minha equipe, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental. Já pude compartilhar com professores da educação infantil às séries finais alguns conhecimentos obtidos no curso, e meu desejo é ampliar a visão dos educadores quanto ao uso das tecnologias digitais para uma educação mais libertadora, mais dinâmica e mais inovadora. Acredito na educação como uma forma de transformar realidades, pois ela tem transformado a minha. Por isso, além de aplicar, pretendo multiplicar o que tenho aprendido nesta pós-graduação e ao longo da minha vida,

³ Termo utilizado por Prensky (2001) para designar a geração que nasceu e cresceu “junto com o desenvolvimento e expansão das tecnologias, especialmente a *Internet*”, convivendo diariamente no chamado “ciberespaço”. (GEWEHR, 2016).

pois, como diz Paulo Freire (2002, p. 115), “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

3 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

3.1 Mesmo diferentes, somos todos iguais

Contexto de utilização

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, é onde a criança passa a ampliar sua visão de mundo, tendo o convívio maior com outras crianças de sua faixa etária. A criança pequena, que está saindo da visão egocêntrica, própria da idade, começa a perceber que ela própria se diferencia dos demais e começa a reconhecer no outro características próprias que envolvem não só a aparência física, mas a própria maneira de pensar e agir, diferenças de temperamentos e culturas familiares distintas. Desta forma, é também o papel das instituições de educação infantil, proporcionar à criança vivências e reflexões que a permitam, por meio da interação e brincadeira _ eixos estruturantes das práticas pedagógicas nesta etapa _ conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, assegurando a ela os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O Brasil, um país com tamanha diversidade cultural e racial, que teve na formação do seu povo uma miscigenação de culturas (principalmente indígena-africana-europeia), tem essa diversidade presente também nas instituições de educação infantil públicas, principalmente devido à obrigatoriedade do ensino a partir dos 4 anos de idade. Assim, estes espaços se tornam ricos em oportunidades de uma educação voltada para a diversidade étnico-racial, devendo ser o ambiente escolar um “espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial.” (BRASIL. Ministério da Educação, 2006, p.14).

Cada vez se faz mais necessária uma educação inclusiva e que respeite as diferenças de cada indivíduo, atendendo suas necessidades, compreendendo suas limitações e valorizando suas potencialidades. Nesta perspectiva, “reconhecer as diferenças é um passo fundamental para a promoção da igualdade, sem a qual a diferença poderá vir a se transformar em desigualdade.” (BRASIL. Ministério da Educação, 2006, p.32).

De acordo com as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na

Perspectiva da Educação Inclusiva, para desenvolver as bases necessárias para o desenvolvimento global do aluno, é necessário compreender que:

o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. (BRASIL. Ministério da Educação 2008, p. 16).

Independentemente do grupo social e/ou étnico-racial atendido, as instituições de Educação Infantil devem reconhecer o seu papel e função social, procurando atender às necessidades das crianças, “constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes e suas formas de pertencimento”, permitindo-as explorar o mundo, e vivenciar novas experiências. (BRASIL. Ministério da Educação, 2008, p.37).

Assim, é proposta esta sequência didática, de forma a contribuir com a formação pessoal e social da criança, bem como a valorização de sua identidade.

Objetivos

Após a realização da sequência didática, tem-se a expectativa que os alunos sejam capazes de:

- Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.
- Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.
- Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.
- Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos.
- Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.
- Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.
- Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Conteúdo

- Diversidade étnica e cultural, atitudes de respeito e cooperação.
- Oralidade, leitura, produção escrita
- Apreciação musical
- Artes visuais: leitura de imagem, desenho, pintura, colagem
- Informática educativa – produção individual (ilustração) e coletiva (texto)

Ano

1º Período – crianças de 4 anos.

Tempo estimado

5 aulas de aproximadamente 1 hora cada, considerando o tempo flexível que deve ser na educação infantil, com intervalos entre uma e outra atividade.

Previsão de materiais e recursos

Os materiais e recursos necessários para realização da sequência didática são:

- Lousa e giz;
- Livro: “O mundinho sem bullying”, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen;
- Atividades impressas;
- Imagens impressas de crianças com diferentes características físicas;
- Mural de TNT ou varal com pregadores;
- Letras em E.V.A;
- Cartolina;
- Pincel atômico, canetinhas, lápis de cor;
- Tesoura;
- Cola;
- Retalhos de tecido, lantejoulas, lã;
- Tinta guache e pincel;
- Aparelho de som;

- Data show e notebook;
- Computadores (laboratório de informática educativa);
- Impressora;
- Papel A4;
- Clipe em mp4: “A diferença é que nos une” – Mundo Bitá
- Música em mp3: “Somos todos iguais” – Cristina Mel

Desenvolvimento

Aula 1

A partir da leitura do livro “O Mundinho sem Bullying”, a professora dará às crianças a oportunidade de se expressarem na roda de conversa, falando sobre suas impressões sobre o livro e suas vivências.

A professora então promoverá o diálogo sobre as diferenças físicas existentes dentro da turma, levando as crianças a se observarem no espelho, citando suas características, como os cabelos, o tom de pele, cor dos olhos, altura, etc. Logo após, será proposto que cada criança faça seu autorretrato, que comporá um mural da turma.

Pode-se conduzir, a partir daí, uma produção coletiva de uma frase que resuma a conclusão das crianças sobre suas diferenças para se colocar no mural, tendo a professora como escriba.

Figura 1 - Livro “O mundinho sem bullying”.



Fonte: EDITORA DCL, 2012.⁴

⁴ Capa do livro "O mundinho sem bullying" retirado da editora DCL. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mundinho-Bullying-Ingrid-Biesemeyer-Bellinghausen/dp/8536815256>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Aula 2

A professora retomará brevemente a história lida na aula anterior com as crianças, e apresentará uma canção que será apreciada pelas crianças: “A diferença é que nos une” – Mundo Bitá (vídeo). Após assistirem ao vídeo, será dada a oportunidade à turma de falar sobre o que observaram na canção, as características das crianças do vídeo, fazendo um paralelo sobre a realidade (por exemplo, se conhecem alguma criança com alguma deficiência). Numa conversa, a professora poderá mostrar algumas imagens de crianças com alguma deficiência (apenas mostrando o rosto), pedindo às crianças que observem as imagens e imaginem do que cada criança gosta de brincar, como ela vai para a escola, etc. Só após as falas das crianças, a professora poderá mostrar imagem da criança por completo, informando aos alunos como cada uma vive, brinca, estuda. A professora apresentará então a palavra “PRECONCEITO”, perguntando se as crianças conhecem esta palavra e o que ela pode significar. Depois, fará as devidas intervenções, dando exemplos práticos, como o que possivelmente pode ter acontecido ao imaginar a vida das crianças nas imagens apresentadas. Logo após, as crianças realizarão uma atividade de registro.

Sugestão de atividade de registro – 2ª aula

MESMO DIFERENTES, SOMOS TODOS IGUAIS

NOME:

APÓS OUVIR A HISTÓRIA E A MÚSICA, VAMOS DISCUTIR O TEMA.
TODAS AS CRIANÇAS DO MUNDO SÃO IGUAIS?

☐

SIM

☐

NÃO



QUAL A SUA COR PREFERIDA? RESPONDA COLORINDO O TRIÂNGULO
ABAIXO COM ESSA COR.



RESPEITAR O AMIGO É MUITO IMPORTANTE PARA QUE TODOS SEJAM
FELIZES. PORÉM, NA HISTÓRIA, UM DIA ISSO NÃO ACONTECEU. UMA
CRIANÇA DO LIVRO “O MUNDINHO SEM BULLYING” FICOU MUITO TRISTE
PORQUE...

☐

TODOS BRINCAVAM COM ELA.

☐PORQUE ALGUNS AMIGOS RIAM
E COLOCAVAM APELIDOS.

COLOCAR APELIDOS NOS COLEGAS, EMPURRAR, XINGAR, AGREDIR NÃO
SÃO ATITUDES CORRETAS. ISSO DEIXA O AMIGUINHO TRISTE E NÃO É
LEGAL. DESENHE UMA CRIANÇA TRISTE PORQUE SOFREU **PRECONCEITO**.

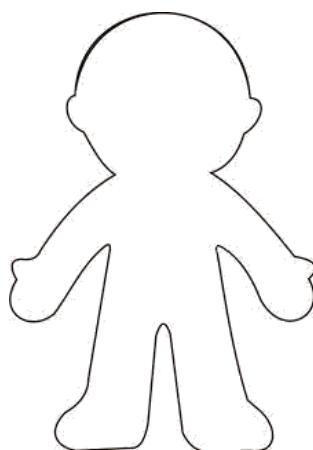
Aula 3

Retomando o significado da palavra “PRECONCEITO”, a professora apresentará a palavra “RESPEITO”, perguntando às crianças se conhecem seu significado. Discutindo na rodinha, será dada a elas a oportunidade de pensar em situações de “falta de respeito” que podem acontecer dentro da escola, entre elas. Feito isso, a professora proporá que juntos, confeccionem um mural na sala com atitudes respeitadas que podemos ter uns com os outros, utilizando as falas e ilustrações das crianças.

Aula 4

Será apresentada uma música para apreciação das crianças: “Somos todos iguais” (Cristina Mel). A professora pedirá que as crianças ouçam com atenção a letra da música. Elas terão a oportunidade de identificar os diferentes tipos de características físicas mencionados na letra da canção e, na segunda audição, terão a oportunidade de pintar o boneco nas cores que desejarem, utilizando tinta guache e pincel. Cada criança receberá um boneco de papel (previamente recortada a silhueta em cartolina) para realizarem a pintura. Depois de seca a pintura serão distribuídos diferentes materiais (retalhos de tecidos de diversas cores e estampas, lã, lantejoulas, etc.) para que livremente cada criança adorne seu boneco de papel. As atividades serão expostas num varal, onde a professora colocará a frase “Mesmo diferentes, somos todos iguais”.

Figura 2 - Silhueta para imprimir e recortar.



Fonte: PRINTEREST, 2018.⁵

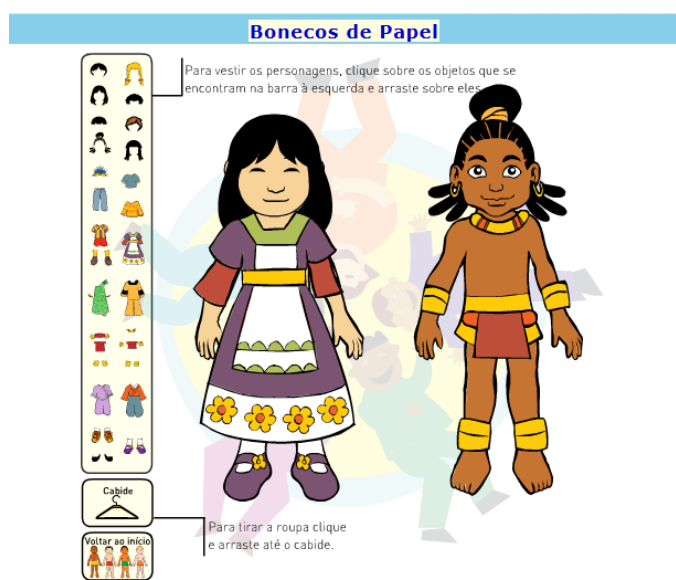
⁵ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/472526185902743805/>. Acesso em: 18 ago. 20

Aula 5

No laboratório de informática, as crianças terão a oportunidade de criarem seu “boneco de papel”, representando a diversidade que existe na escola e no mundo. Para isto, será utilizado o jogo “Bonecos de papel”; Disponível em : <http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=11874> (é necessário permitir a execução do plugin). Realizadas as produções, cada desenho será salvo em *printscreen* com o nome de cada criança e depois impresso para apreciação da turma.

Finalizando a aula, será produzido um texto coletivo com a participação das crianças e digitação feita pela professora (de preferência reproduzida em Datashow para que elas acompanhem o processo) sobre o que aprenderam ao longo da semana.

Figura 3 - Imagem do jogo “Bonecos de Papel”.



Fonte: ATIVIDADES EDUCATIVAS, 2018. ⁶

Sugestão de produto final

Após a finalização do projeto, a professora pode reunir as produções das crianças (atividades, texto coletivo, fotos das atividades, letras das músicas trabalhadas, etc.), para compor um álbum da turma, que visitará as famílias.

⁶ Disponível em: <http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=11874>. Acesso em: 20 set. 2018.

Avaliação

A avaliação dar-se-á no decorrer do processo, por meio da observação da participação dos alunos e envolvimento nas atividades propostas.

Nas interações cotidianas em sala e nos momentos de lazer, serão observadas as atitudes de cooperação e respeito entre as crianças, bem como na mediação de conflitos.

Também serão avaliadas as produções individuais e coletivas das crianças durante as atividades.

Recursos como fotos, gravações, registros de falas das crianças na roda de conversa serão utilizados como suportes da avaliação do trabalho.

Abaixo, uma sugestão de tabela para avaliação.

Aluno(a):				
Aula 1		SIM	PARC	NÃO
	Participou ativamente da roda de conversa, contribuindo			
	Realizou seu autorretrato, observando suas características físicas?			
Aula 2	Demonstrou interesse pelo tema, participando do diálogo?			
	Demonstrou compreensão sobre o que é preconceito?			
Aula 3	Participou oralmente, contribuindo com suas ideias?			
	Ilustrou alguma atitude respeitosa, demonstrando compreensão sobre o que significa respeito?			
Aula 4	Ouviu atentamente à canção?			
	Explorou diferentes materiais em sua produção artística?			
Aula 5	Representou, utilizando software, a diversidade étnica?			
	Participou da produção de texto coletiva?			
Semana	Demonstra no dia-a-dia, atitudes de respeito e cooperação na interação com outras crianças?			

Referências

Para o professor

ATIVIDADES EDUCATIVAS. Bonecos de papel. 2013. Disponível em: <http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=11874>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **O Mundinho sem Bullying**. 1. ed. São Paulo: DCL, 2012, 24p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil**. Versão final. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 29 ago. 2018.

MEL, Cristina. **Somos todos iguais**. Rio de Janeiro: MK Music, 2010. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/cristina-mel/somos-todos-iguais.html>. Acesso em: 02 set. 2018.

MUNDO BITA. A diferença é que nos une. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLtzvypcurE>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Para o estudante

ATIVIDADES EDUCATIVAS. Bonecos de papel. 2013. Disponível em: <http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=11874>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **O Mundinho sem Bullying**. 1. ed. São Paulo: DCL, 2012, 24p.

MEL, Cristina. **Somos todos iguais**. Rio de Janeiro: MK Music, 2010. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/cristina-mel/somos-todos-iguais.html>. Acesso em: 02 set. 2018.

MUNDO BITA. A diferença é que nos une. 02 set. 2016. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLtzvypcurE>. Acesso em: 28 ago. 2018

3.2 A beleza de ser negro

Contexto de utilização

O Brasil, um país com tamanha diversidade cultural e racial, que teve na formação do seu povo uma miscigenação de culturas (principalmente indígena-africana-europeia), tem essa diversidade presente também nas instituições de educação públicas. Assim, estes espaços se tornam ricos em oportunidades de uma educação voltada para a diversidade étnico-racial, devendo ser o ambiente escolar um “espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial.” (BRASIL. Ministério da Educação, 2006, p.14).

Sabemos da importância em se valorizar no ambiente escolar as contribuições dos africanos e afrodescendentes na cultura brasileira, especialmente dando visibilidade a cultura negro-africana por uma perspectiva que valorize os diversos saberes, costumes e identidades presentes nas escolas. Esta prática não deve ser pautada em datas comemorativas, sendo realizada de forma esporádica e descontextualizada. É necessário repensar a forma como alguns estereótipos do negro e sua cultura são apresentados na escola, direcionando para uma educação antirracista, que reconheça e valorize o povo negro, sua cultura e sua história.

Como educadores, não podemos admitir que nos acervos literários da escola não haja livros que abordem a cultura e história dos povos africanos, que nos materiais didáticos o negro apareça de forma estereotipada ou que seja privilegiada a presença de crianças brancas nas ilustrações. Pensar numa escola democrática perpassa desde a reelaboração do currículo e proposta pedagógica até a aquisição de recursos pedagógicos adequados:

... a escola que deseja se construir democrática, respeitando todos os segmentos da sociedade, pode ter como meta a aquisição de recursos adequados para o trato das questões étnico-raciais, como, por exemplo, munindo a biblioteca de acervo compatível, folhetos, gravuras e outros materiais que contemplem a dimensão étnico-racial, videoteca com filmes que abordem a temática e brinquedoteca com bonecos (as) negros (as), jogos que valorizem a cultura negra e decoração multiétnica. (BRASIL. Ministério da Educação, 2006, p.68).

E, não somente uma mudança de postura, é necessário também promover espaços de discussão das temáticas envolvendo a discriminação racial e negação

de direitos que ainda hoje perduram no nosso país, conforme explicita o documento, **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**:

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitida aos (as) alunos(as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamento desse problema por parte dos profissionais da educação e envolvendo o cotidiano escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo, um entendimento muitas vezes estereotipado do outro que lhe é diferente. Esse entendimento acaba sendo pautado pelas vivências sociais de modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais. (BRASIL. Ministério da Educação, 2006, p.23).

Com a finalidade de promover a formação pessoal e cidadã dos educandos das series iniciais do ensino fundamental, é proposta esta sequência didática interdisciplinar, utilizando as tecnologias digitais como fontes de informação e meios para construção coletiva de conhecimentos.

Objetivos

Após a realização da sequência didática, tem-se a expectativa que os alunos sejam capazes de:

Língua Portuguesa:

- Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- Produzir releitura em quadrinhos de texto literário, observando as características do gênero textual, como a presença de discurso direto, relação de imagem e palavras e recursos gráficos (balões, tipos de letras e onomatopeias).
- Editar a versão final do texto, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, ilustrando, quando for o caso, em suporte adequado, manual ou digital.

- Utilizar *software*, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis.
- Explorar, com a mediação do professor, textos informativos de diferentes ambientes digitais de pesquisa, conhecendo suas possibilidades.
- Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.
- Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes.

Arte:

- Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.
- Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
- Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes africanas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
- Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais nos processos de criação artística.

História:

- Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.
- Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes.

- Valorizar a diversidade étnica e cultural presente na sociedade, compreendendo a importância da cultura africana na identidade do povo brasileiro.

Conteúdo

- Diversidade étnica e cultural, atitudes de respeito e cooperação.
- Oralidade, leitura, produção escrita
- Artes visuais e música
- História: povos e culturas africanas e afrodescendentes
- Informática educativa – produção individual (ilustração) e coletiva (texto)

Ano

4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Tempo estimado

O tempo estimado para esta sequência é de 8 aulas de 50 minutos, distribuídas em 4 semanas (duas aulas por semana).

Previsão de materiais e recursos

Os materiais e recursos necessários para realização da sequência didática são:

- Lousa e giz;
- Cadernos, lápis, borracha.
- Livros literários do FNDE com temática de consciência negra (cultura afro)
- Livros didáticos de várias disciplinas
- Esquemas e roteiros impressos
- Mural de TNT ou varal com pregadores;
- Letras em E.V.A;
- Aparelho de som e pen drive;
- Computadores (laboratório de informática educativa);

- Jogos de consciência negra instalados nos computadores
- Impressora colorida;
- Papel A4;
- Música em mp3: “Olhos coloridos” – Sandra de Sá;
- Letra de música impressa;
- Reportagens impressas.
- Máquina e material de encadernação

Desenvolvimento

Aula 1

No laboratório de informática educativa, os alunos experimentarão alguns jogos, disponíveis no site: <http://www.alfabeclicando.com.br/blog/category/jogos-consciencia/>. Estes jogos deverão ser baixados previamente em uma pasta no computador.

Após experimentarem cada jogo, a professora trará para a turma a seguinte discussão: “Vocês observam, no dia a dia, a presença da cultura e identidade africana nos jogos, nos textos literários, nos heróis ou princesas dos filmes, nos programas de televisão?” A professora, então proporá que os alunos façam uma breve análise dos materiais didáticos utilizados por eles, além de percorrer espaços da escola a fim de analisar os biótipos apresentados nos cartazes e murais. Após apresentarem suas observações, será dada como tarefa de casa a realização de uma pesquisa sobre personalidades negras na política, na literatura, na moda, na música, no esporte, etc.

Aula 2

Dividindo a turma em grupos por tema, os alunos unirão as pesquisas realizadas previamente para montarem uma apresentação em Power Point com imagens e textos sobre cada personalidade. Para isso, após realizarem os grifos necessários em cada pesquisa, utilizarão os computadores para montarem a apresentação, que posteriormente será mostrada à classe. Serão disponibilizados alguns livros literários infantis, como “As tranças de Bintou”, “O cabelo de Lelê”, “Bruna e a galinha d’angola”, “Canção dos povos africanos”, “As panquecas de

Mama Panya”, “Obax”, entre outros, para leitura em casa. Cada aluno receberá como tarefa de casa um esquema para montar uma história em quadrinhos como releitura do texto literário.

Aulas 3 e 4

Nestas aulas, com o esquema da HQ do texto lido em mãos, cada aluno criará sua história em quadrinhos. Como pré-requisito, será solicitado que a história contenha diálogos. Os alunos montarão a HQ no laboratório de informática, utilizando o programa PIXTON, disponível em <https://www.pixton.com/br/>. Posteriormente, após correção dos textos, a professora realizará a impressão das HQs, que serão colocadas em um mural no pátio da escola para apreciação de outros estudantes.

Aula 5

Será apresentada a música “Olhos coloridos”, da cantora Sandra de Sá. Após ouvirem a música, será proposta a análise da letra da canção. A reportagem impressa disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/autor-de-olhos-coloridos-conta-que-musica-surgiu-de-caso-de-racismo.html>, será lida e debatida com os alunos, que depois registrarão em forma de texto discursivo sua opinião em relação à discriminação racial existente na sociedade. Como base para a produção de texto, será disponibilizado o roteiro, com algumas perguntas:

1. O que é discriminação racial?
2. Você já presenciou ou vivenciou algum tipo de discriminação racial?
3. Como você reagiria, sofrendo discriminação por causa da cor de pele, tipo de cabelo ou forma de se vestir?
4. Você acha que negros e brancos tem as mesmas oportunidades (de emprego, estudo, de melhorar suas condições de vida)?
5. Para você, existe alguma forma de acabar com o preconceito e o racismo?
6. O que a escola pode fazer para criar uma cultura de respeito e valorização da diversidade étnica e cultural?

Após o término da produção textual, a professora utilizará estratégias de revisão textual, podendo ser em duplas, com textos trocados entre os alunos.

Aula 6

Cada aluno digitará o seu texto no Word ou Libre Office Writer, sendo orientado a formatar e salvar o documento para ser impresso posteriormente, compondo um álbum, que será encadernado e enviado às famílias.

Aula 7

No laboratório de informática, os alunos acessarão o link <https://educacaointegral.org.br/reportagens/estudante-recria-versao-negra-personagens-famosos/>, lendo a reportagem sobre Maria Freitas, uma estudante que recriou alguns personagens famosos na versão negra. Logo após, serão incentivados a criar um herói ou negro dos quadrinhos, que pode ser uma criação original ou uma releitura, novamente utilizando o site PIXTON. Os heróis comporão uma galeria, que será impressa e anexada ao álbum da turma.

Aula 8

Cada grupo apresentará os slides produzidos sobre as personalidades negras e suas contribuições para a nossa cultura. Logo após, os alunos poderão apreciar o mural que compuseram com as histórias em quadrinhos criadas com base nos livros literários.

Produto Final

Após a finalização do projeto, a professora pode reunir as produções dos alunos (slides sobre personalidades, histórias em quadrinhos, textos discursivos, galeria de personagens) para compor um álbum da turma, que visitará as famílias.

Dentro do álbum, na última página, será colado um envelope onde as famílias poderão enviar uma carta à turma com considerações sobre as atividades realizadas.

Avaliação

A avaliação ocorrerá no decorrer do processo, por meio da observação da participação dos alunos e envolvimento nas atividades propostas.

Serão avaliadas as produções individuais e coletivas dos alunos, levando em consideração a criatividade, coerência e coesão textual.

Abaixo, uma sugestão de tabela para avaliação.

Aluno(a):				
Aula 1	Participou ativamente da roda de conversa, contribuindo com o grupo?	SIM	PARC	NÃO
	Demonstrou interesse em experimentar todos os jogos?			
Aula 2	Realizou a pesquisa sobre uma personalidade negra?			
	Colaborou com o grupo na montagem do Power Point sobre as personalidades pesquisadas?			
Aulas 3 e 4	Realizou o esquema de HQ, demonstrando ter lido o livro indicado?			
	Conseguiu utilizar os recursos do programa PIXTON para criar sua HQ de forma coerente e obedecendo às convenções de escrita para o gênero?			
Aula 5	Ouvir atentamente à canção?			
	Respondeu ao roteiro e produziu o texto com base nas repostas, com ortografia e pontuação?			
Aula 6	Digitou e formatou seu texto adequadamente?			
Aula 7	Demonstrou criatividade ao explorar os recursos do PIXTON na criação de um herói negro?			
Aula 8	O slide produzido como grupo retratou a importância dos negros para a nossa cultura?			
	Foram explorados recursos como fotos, textos, fontes pano de fundo ou animações nos slides?			
	O aluno participou oralmente da apresentação junto ao grupo?			

Referências

Para o professor

BASÍLIO, Ana Luíza. **Estudante recria versão negra de personagens famosos**. 15 abr. 2016. Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/estudante-recria-versao-negra-personagens-famosos/>. Acesso em: 12 out. 2018.

BOECKEL, Cristina. **Autor de 'Olhos coloridos' conta que música surgiu de caso de racismo**. 20 nov. 2015. Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/autor-de-olhos-coloridos-counta-que-musica-surgiu-de-caso-de-racismo.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil**. Versão final. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>. Acesso em: 11 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

MACAU. **Olhos coloridos**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OQ3yhCVZqec>. Acesso em: 12 out. 2018.

UOL. **Abolicionistas, premiados e artistas**; veja personalidades negras marcantes. 20 nov. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/veja-personalidades-negras-que-marcaram-a-historia-do-brasil-e-do-mundo.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

VALES, Luciene. **Jogos de consciência negra**. 18 nov. 2013. Blog Alfabetizando. Disponível em: <http://www.alfabetizando.com.br/blog/category/jogos-consciencia/>. Acesso em: 12 out. 2018.

Para o estudante

BASÍLIO, Ana Luíza. **Estudante recria versão negra de personagens famosos**. 15 abr. 2016. Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/estudante-recria-versao-negra-personagens-famosos/>. Acesso em: 12 out. 2018.

BEZERRA, Juliana. **Personalidades Negras Brasileiras**. 2018. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/personalidades-negras-brasileiras/>. Acesso em: 15 out. 2018.

BOECKEL, Cristina. **Autor de 'Olhos coloridos' conta que música surgiu de caso de racismo**. 20 nov. 2015. Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/autor-de-olhos-coloridos-counta-que-musica-surgiu-de-caso-de-racismo.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

COSTA, Guilherme; REBELLO, Helena. **Consciência negra: representatividade no esporte cresce, mas racismo ainda fere**. 20 nov. 2017. Globo Esporte. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/consciencia-negra-representatividade-no-esporte-cresce-mas-racismo-ainda-fere.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2018.

UOL. **Abolicionistas, premiados e artistas**; veja personalidades negras marcantes. 20 nov. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/veja-personalidades-negras-que-marcaram-a-historia-do-brasil-e-do-mundo.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

VALES, Luciene. **Jogos de consciência negra**. 18 nov. 2013. Blog Alfabetizando. Disponível em: <http://www.alfabetizando.com.br/blog/category/jogos-consciencia/>. Acesso em: 12 out. 2018.

3.3 Quem conta um conto...

Contexto de utilização

Contar histórias é uma arte fascinante, que existe desde os tempos mais remotos, pois narrar é uma das necessidades essenciais da comunicação humana. Ainda na pré-história, o homem já utilizava de meios para contar histórias, quer seja pela comunicação oral em seu grupo, quanto pela pictórica, vista nas imagens rupestres. A necessidade de o ser humano registrar suas memórias e repassá-las a outros perdura ainda hoje, o que podemos comprovar pela criação de recursos tecnológicos que exercem a função de guardar memórias e contar histórias, como álbuns, linhas do tempo, status, stories, todos estes presentes em redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Instagram, dentre outros.

No passado, as histórias eram criadas e contadas especialmente para ensinar e transmitir valores morais às crianças, como os contos clássicos dos irmãos Grim e de Hans Christian Andersen, ao mesmo passo que as fábulas de Esopo e de La Fontaine. Estas histórias provocaram fascínio em muitas crianças, e talvez por estes elementos atraentes (personagens cativantes e vilões cruéis, cenário que aguça a imaginação e a fantasia, enredo que provoca suspense e emoção, finais felizes ou inesperados), tal fascínio perdura nos dias de hoje entre crianças e adultos, fato este comprovado pelo número de filmes e releituras produzidos deste gênero.

A emoção é a primeira forma de afetividade tendo ativação orgânica, não controlada pela razão, e, para Wallon, este sentimento possui caráter cognitivo e é a manifestação mais expressiva de afetividade (OLIVEIRA; COSTA, 2016). Por despertarem as emoções, as histórias contribuem para o desenvolvimento cognitivo e auxiliam na aprendizagem, conferindo ao sujeito mais significado, à medida que ele se apropria dos conceitos nela abordados.

De acordo com Máximo-Esteves (1998, p. 125 *apud* LAZIER, 2010), “o prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias é um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender.”

Mesmo os conteúdos mais formais podem ser facilmente trabalhados por meio de uma história. E hoje é possível ampliar a forma de contar histórias com o apoio da tecnologia através do *Storytelling*, que, segundo Cogo (2016, p.72 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2018) “são narrativas interativas que comunicam, fornecem e

transmitem informações capazes de fascinar e atrair o público de forma inovadora.” Domingos, Domingues e Bispo (2012, p.4) afirmam que “o Storytelling, é de autoria mais coletiva do que individual” e que “é preciso acreditar no poder do Storytelling, já que ele está mais vivo do que nunca”, considerando o atual cenário em que as tecnologias digitais da comunicação se fazem tão presentes.

Sendo “uma narrativa efetivamente aberta a intromissões e modificações”, o Storytelling possui como característica um modo de narrar mais interativo e sujeito a adaptações (DOMINGOS; DOMINGUES; BISPO, 2012, p.5), promovendo a colaboração entre emissor e receptor e cedendo espaço para uma comunicação mais linear e democrática.

A escola deve procurar se apropriar desta metodologia, dando cada vez mais voz aos alunos que, como protagonistas e autores, possuem condições de criar e participar das narrativas, utilizando para isso as tecnologias da comunicação e informação, cada vez mais presentes no seu cotidiano.

Walter Benjamin (1993, *apud* BRASIL, 2016, p.22), aponta que “a experiência pode ser narrada, e a narrativa é uma importante forma de intercambiar experiências e de criar elos de coletividade.” Assim, uma das oportunidades de se explorar o Storytelling é dar liberdade aos alunos para estes criem suas próprias histórias ou recriem com base em algo já conhecido, podendo ser de diversas maneiras, como vídeos, HQs, animações, slides, livros, diários ou álbuns digitais, utilizando diversas ferramentas da web. As narrativas criadas, desta forma, permitem aos alunos elaborar conceitos, trabalhar a expressão da linguagem (oral, gestual, icônica, midiática, etc.). Todas estas alternativas propõem uma participação ativa dos alunos, motivando-os a criar, a aprender na coletividade e a apropriar-se da arte de narrar histórias de uma forma mais original e significativa.

A proposta desta sequência didática é de, além de conhecer outras versões dos contos clássicos, como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Rapunzel, Branca de Neve, dentre outros, é discutir um pouco sobre o papel feminino apresentado nestas histórias e de fomentar a criatividade, permitindo que os alunos “extrapolem” a forma tradicional de narrar, para que não sejam meros consumidores de cultura, mas também produtores de boas histórias.

Objetivos

Após a realização da sequência didática, tem-se a expectativa que os alunos sejam capazes de:

- Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.
- Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler, apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.
- Localizar informações explícitas em textos.
- Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.
- Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
- Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
- Utilizar *software*, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis.
- Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.
- Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

- Identificar aspectos do seu crescimento por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.
- Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais, refletindo sobre os estereótipos criados nos contos tradicionais, especialmente a representação frágil da figura feminina.

Conteúdo

- Estratégia de leitura
- Planejamento de texto
- Revisão textual
- Edição de textos
- Utilização de tecnologia digital
- Leitura colaborativa e autônoma
- Compreensão em leitura
- Escrita colaborativa
- Imagens analíticas em textos
- Leitura multissemiótica
- As tradições orais e a valorização da memória
- As fases da vida e a ideia de temporalidade

Ano

4º e 5º ano do Ensino Fundamental – séries iniciais.

Tempo estimado

Esta sequência didática tem a duração prevista para 10 aulas de 50 minutos.

Previsão de materiais e recursos

Os materiais e recursos necessários para realização da sequência didática são:

- Livro literário: “A revolta das Princesas”, de Céline Lamour-Crochet e Lisbeth Renardy
- Filme em DVD ou no YouTube: “Shrek Terceiro”, dublado em Português
- Lousa e giz;
- Cadernos, lápis, borracha;
- Roteiros impressos;
- Computadores com acesso à internet (laboratório de informática educativa);
- Datashow;
- Pen drive;
- Celular com app Story Telling Cubes;
- Cubos (dados confeccionados em papel impresso) para criar histórias;
- Plataforma PREZI e POWTOON;
- Programas de editor de texto (Microsoft Word ou libre Office Writer);
- Impressora colorida;
- Papel A4;
- Mural de TNT;
- Fita crepe ou fita adesiva larga;
- Atividades impressas (tarefa de casa, fichas de leitura e de autoavaliação).

Desenvolvimento

Aula 1

Será apresentado aos alunos o livro “A revolta das Princesas”, de Céline Lamour-Crochet e Lisbeth Renardy, traduzido por Clara A. Colotto. Com base na capa do livro, será dada aos alunos a oportunidade de falarem suas hipóteses sobre o conteúdo do texto. Provavelmente, os alunos identificarão que se trata de um conto de fadas, com base no repertório que já possuem sobre o gênero.

A professora, então, contará a história utilizando o livro apresentado e depois poderá pedir que os alunos exponham suas impressões sobre a narrativa. Poderá,

também, propor uma reflexão sobre as desigualdades existentes entre homens e mulheres, e os estereótipos aparentes nos contos clássicos.

Figura 4 - Livro “A revolta das Princesas”.



Fonte: EDITORA SABER E LER, 2015.⁷

Após a história, será proposto que, na biblioteca, os alunos escolham um livro de contos clássicos para realizar uma atividade de leitura e a produção de uma ficha, conforme o modelo.

OFICINA LITERÁRIA		Data: ____/____/____
ALUNO(A): _____		
Nome do livro: _____		
Autor: _____ Ilustrador: _____		
Que sensações a história lhe trouxe?		
() ALEGRIA	() TRISTEZA	() MEDO
() SURPRESA		
Personagens principais: _____		
Onde a história se passa: _____		
Personagem protagonista: _____		
Personagem antagonista: _____		
Conflito ou complicação: _____		

Fonte: Elaborada pela autora.

⁷ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Revolta-das-Princesas-C%C3%A9line-Lamour-Crochet/dp/8566428072>. Acesso em: 14 abr. 2019.

Aula 2

Nesta aula, os alunos assistirão ao filme “Shrek Terceiro”, que mostra as princesas dos contos de fada de uma maneira inusitada. Caso não tenha disponível o filme em DVD, o mesmo poderá ser reproduzido no YouTube, sendo necessário para isso uma boa conexão de internet. Após o filme, será proposta a realização um resumo da história, utilizando os computadores na sala de informática.

Figura 5 – Wallpaper do filme Shrek The Third.



Fonte: NAÇÃO DA MÚSICA, 2017.⁸

Aula 3

Para esta aula, será utilizado o aplicativo Storytelling Cubes (disponível no Google Play ou Play Store), instalado no celular da professora, que será projetado em Datashow.

Figura 6 - Imagem do aplicativo Storytelling Cubes.



Fonte: Foto do aplicativo tirada pela autora.

⁸ Disponível em: https://i3.wp.com/br.nacaodamusica.com/wp-content/uploads/2017/01/Shrek_3_Wallpaper_1024.jpg. Acesso em: 14 abr. 2019.

A professora então fará uma demonstração do aplicativo, sorteando alguns cubos e apresentando a proposta de atividade: os alunos deverão criar, com os cubos sorteados, uma releitura do conto clássico escolhido na primeira aula, utilizando as imagens sorteadas, que deverão aparecer na narrativa. A produção escrita, a princípio, será realizada em uma folha pautada, para depois ser revisada e posteriormente digitada em editor de texto na sala de informática. Caso seja impossível a realização da atividade com o aplicativo, podem-se confeccionar antes os cubos para produção textual, com vários modelos disponíveis na internet.

Aula 4

Neste momento, tendo em mãos os textos já lidos pela professora e marcados com os ícones de revisão textual, cada aluno realizará a reescrita de seu texto, com as devidas correções, em editor de texto no computador (Word ou Libre Office Writer). A tabela a seguir apresenta exemplos de ícones de revisão textual, que permitem que o aluno reflita sobre o processo da escrita. O texto produzido pelo aluno é um rico material para exploração de itens relacionados à produção de um bom texto e a correção textual é uma oportunidade de aprendizagem para o aluno, pois, “ao receber o texto pontuado, o próprio aluno percebe quais pontos precisa melhorar, ou seja, os códigos da tabela servem como um referencial para que o aluno reflita sobre que pontos estão impróprios no seu texto.” (VERONEZI, 2003).

TABELA PARA REESTRUTURAÇÃO TEXTUAL - Rogéria Ap. Breda Veronezi

- | | |
|-----|---|
| 1- | Use ponto final |
| 2- | Use vírgula |
| 3- | Verifique a ortografia |
| 4- | Cuidado com a separação silábica |
| 5- | Retire a vírgula |
| 6- | Use dois pontos |
| 7- | Use ponto e vírgula |
| 8- | Use ponto de interrogação |
| 9- | Use ponto de exclamação |
| 10- | Use parênteses |
| 11- | Retire os parênteses |
| 12- | Use aspas |
| 13- | Retire as aspas |
| 14- | Use discurso direto |
| 15- | Use letra minúscula |
| 16- | Use letra maiúscula |
| 17- | Inicie um novo parágrafo |
| 18- | Faça maior marcação de parágrafo |
| 19- | Colocação confusa. Reescreva o fragmento sublinhado |

- | | |
|-----|--|
| 20- | Termo vago |
| 21- | Verifique a concordância verbal |
| 22- | Verifique a concordância nominal |
| 23- | Termo incorreto. Substitua-o. |
| 24- | Termo repetitivo. Substitua-o por um sinônimo ou palavra correspondente. |
| 25- | Termo desnecessário. Retire-o. |
| 26- | Falta algum termo. |
| 27- | Transfira este termo para o local indicado. |
| 28- | Incoerência textual: 1ª e 3ª pessoas |
| 29- | Use crase |
| 30- | Retire o ponto final |
| 31- | Incoerência verbal |

Aula 5

Também na sala de informática e tendo em mãos as releituras criadas dos contos clássicos, será proposto aos alunos que transformem a história criada em uma apresentação no Prezi. Os alunos, orientados pela professora, selecionarão antes as imagens a serem utilizadas na apresentação no Google Imagens, salvando em uma pasta no computador. Logo após, acessando o site <https://prezi.com/login/>, logados, iniciarão as primeiras experimentações no programa, explorando modelos e recursos, com a orientação da professora. Como é necessário cadastro para login, considerando que são crianças entre 9 e 10 anos, sugere-se que a professora crie um e-mail da turma para estas atividades, comunicando aos pais com antecedência. Atividades como a criação de título, escolha do modelo e tema serão realizadas nesta aula.

Aula 6

No laboratório de informática, os alunos continuarão a criar a apresentação da narrativa elaborada, colocando os textos e imagens anteriormente pesquisadas. Após o término da atividade, será proposto que os colegas troquem de lugar, a fim de conhecer a narrativa criada pelo colega, podendo também opinar sobre melhorias no arranjo da apresentação.

Sugestão: Depois de criadas as histórias, já corrigidas e finalizadas, as produções poderão ser compartilhadas na página da escola, e, por bilhete, a escola poderá informar aos pais sobre o acesso para conhecerem as narrativas criadas pelos alunos. Caso a turma possua um grupo de WhatsApp, os links para acesso às narrativas poderão ser disponibilizados na rede social.

Aula 7

Nesta aula a professora, já tendo selecionado algumas narrativas criadas no Prezi, apresentará em Datashow a projeção das mesmas à turma. Durante a apresentação, a professora poderá intervir junto aos alunos, caso seja necessária alguma melhoria no texto, realizando, assim, uma intervenção em tempo real e de forma coletiva.

Como tarefa de casa, será dado um roteiro frases a serem completadas. Neste roteiro, os alunos deverão responder, com a ajuda da família, perguntas sobre sua história de vida e preferências, criando uma autobiografia. Esta tarefa será muito importante para a realização da próxima atividade em sala.

<i>Roteiro de Autobiografia</i> Querido aluno, com a ajuda de sua família, complete as frases, contando um pouco da sua história. Eu sou _____, tenho _____ anos. Nasci no dia _____ de _____ do ano de _____, na cidade de _____. Meus pais são _____ e _____, tenho _____ irmão(s), que se chama(m) _____. Meus cabelos são _____, meus olhos são _____, peso _____ quilos e tenho _____ de altura. Gosto muito de brincar de _____. Meus melhores amigos são _____. Meu programa de televisão preferido é _____. Minha comida predileta é _____. Meu animal de estimação é um (a) _____ e se chama _____. Um momento inesquecível em minha vida foi quando _____. Uma coisa que me deixa triste é _____, e o que me deixa feliz é _____. Esta é a minha história!
--

Aulas 8 e 9

Na sala de informática, a professora trará a seguinte proposta: que os alunos conheçam e experimentem a ferramenta Powtoon, disponível no site:

<https://www.powtoon.com/home/?>. A professora poderá apresentar um modelo criado por ela mesma de sua autobiografia. É importante que os alunos já tenham conhecimento do que seja uma autobiografia, que já tenham contato com este gênero textual. Neste software de criação de apresentações animadas, os alunos poderão experimentar a criação de uma apresentação com base nos modelos disponíveis. Após explorarem os recursos, será proposto que cada aluno crie no site uma apresentação de sua autobiografia, com base no roteiro dado como tarefa de casa. A professora orientará quanto à duração dos slides, pedindo que os alunos observem se o tempo delimitado é adequado para a leitura das frases. Durante o processo, os alunos devem executar o vídeo para realizar os ajustes necessários.

Aula 10

Neste dia, será realizada a apresentação em Datashow das autobiografias dos “autores”, que pode ser para a turma ou estendida para toda a escola, também convidando os pais dos alunos autores. A professora poderá montar um mural com fotos e produções dos alunos, expondo os trabalhos realizados. Para as atividades realizadas no Prezi e Powtoon, poderá ser tirado um *print* da tela e impressa a página inicial.

Avaliação

A avaliação será de caráter processual e formativo, pela observação dos alunos na participação das atividades propostas e tendo como base os textos produzidos, a criatividade nas apresentações elaboradas, as dificuldades de estruturação do texto e de ortografia apresentadas por cada aluno.

A seguir, uma sugestão de tabela para avaliação.

Aluno(a):				
Aula 1	Participou atentamente da leitura realizada pela professora?	SIM	PARC	NÃO
	Realizou a atividade da ficha literária, demonstrado compreensão do texto lido?			
Aula 2	Assistiu atentamente ao filme?			
Aulas 3 e 4	Produziu, com criatividade, a releitura de conto clássico, com apoio das imagens do Storytelling Cubes?			
	O texto produzido atendeu às convenções da escrita, com coerência, ortografia e pontuação adequadas?			

Aula 5	Conseguiu selecionar e salvar as imagens para sua apresentação?			
	Demonstrou interesse em explorar os recursos do Prezi, iniciando sua apresentação?			
Aula 6	Conseguiu organizar sua apresentação, inserindo imagens e textos e explorando efeitos do Prezi?			
Aula 7	Participou ativamente da revisão coletiva das apresentações criadas?			
Aulas 8 e 9	Respondeu ao roteiro de autobiografia?			
	Explorou os recursos do Powtoon para criar sua apresentação, seguindo o roteiro de autobiografia?			
	Apresentou texto conciso, com ortografia, pontuação, com visual atraente e imagens/áudio coerentes com o conteúdo?			
Aula 10	Participou da apreciação dos trabalhos, demonstrando interesse por suas produções e dos colegas?			

Também será realizada uma autoavaliação do processo, para que os alunos manifestem quais foram suas dificuldades e o que mais despertou o interesse nas aulas.

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

Aluno(a): _____

Professora: _____ Turma: _____

Marque, para cada pergunta, uma alternativa. Não existem respostas corretas ou erradas.

- Que atividade lhe trouxe mais satisfação em realizar?
 - () leitura e ficha do conto de fadas.
 - () criar minha releitura do conto de fadas.
 - () criar a apresentação da minha história no Prezi
 - () criar minha autobiografia no Powtoon
- Na produção do texto escrito, quais foram as maiores dificuldades?
 - () criar a história com começo, meio e fim.
 - () organizar minhas ideias no papel.
 - () escrever corretamente, com ortografia e pontuação.
- O que você sentiu ao ver as pessoas assistindo sua apresentação no Powtoon?
 - () satisfação de ter cumprido esta tarefa
 - () vergonha e medo de não gostarem da minha apresentação.
 - () orgulho de ter criado uma boa apresentação.
- Escreva o que aprendeu com as atividades realizadas:

Referências

Para o professor

BLOGOVIN. **Daus per crear històries**. 29 nov. 2014. Disponível em: <https://www.bloglovin.com/blogs/a-dins-de-l-aula-6693309/daus-per-crear-histories-3835719659>. Acesso em: 21 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica. **Crianças como leitoras e autoras**. Coleção leitura e escrita na educação infantil. 1.ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.

DOMINGOS, A. A.; DOMINGUES, A. S. O. L.; BISPO, K. S.. **Storytelling midiático: a arte de narrar a vida como ferramenta para a educação**. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. São Cristóvão, 2012. Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_08/PDF/78.pdf. Acesso em: 17 mar. 2019.

DANIEDUCAR. **História criativa em cubo**. Disponível em: <https://danieducar.com.br/arquivos/4932>. Acesso em: 21 abr. 2019.

LAMOUR-CROCHET, Céline. RENARDY, Lisbeth. **A revolta das princesas**. São Paulo: Saber e Ler, 2015.

LAZIER, Joceli de Fátima Cerqueira. **Desenvolvimento do conceito de Meio Ambiente com crianças por meio da contação de histórias: uma contribuição à Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Metodista de Piracicaba. p. 43-55, Piracicaba, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/AFRPKNMKRULS.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.

OLIVEIRA, Caíque *et al.* Storytelling e hipertexto: as novas dimensões da narrativa no ciberespaço. In **Revista**, São Paulo, n.10, p. 71-84, 2018. Disponível em: <http://revistas.unaerp.br/inrevista/article/view/1384/1219>. Acesso em: 17 mar. 2019.

OLIVEIRA, Denise Ferreira Silva de; COSTA, Michel da. Contação de histórias na escola: construção de conhecimentos e desenvolvimento da afetividade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DA UNAERP, 13., 2016, Guarujá. **Anais...** São Paulo: Unaerp, 2012. p. 1 - 12. Disponível em: <https://www.unaerp.br/sici-unaerp/edicoes-anteriores/2016/sessao-01/2465-contacao-de-historias-na-escola-construcao-de-conhecimentos-e-desenvolvimento-da-afetividade/file>. Acesso em: 18 mar. 2019.

POWTOON. **Draw my life**. 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.powtoon.com/blog/help-your-students-save-the-world-with-these-31-glorious-draw-my-life-video-lessons-%EF%BB%BF/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SHREEK Terceiro (Shrek the Third). Direção: Chris Miller (LX), Raman Hui. Produção: Jeffrey Katzenberg. EUA: DreamWorks Animation, 2007. 1 DVD (1h 33min).

VERONEZI, Rogéria Aparecida Breda. Correção textual: uma prática abrangente. In: SEMINÁRIO SOBRE ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA, 3., 2003, São Paulo, **Anais...** São Paulo: Associação de Professores de Língua e Literatura, 2003. Disponível em: http://alb.org.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais14/Sem13/C13056.doc. Acesso em: 20 abr. 2019.

Para o estudante

APRENDA a usar o Prezi em seis minutos (tutorial passo a passo). **Youtube**, 12 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ov2IYRMky6E>. Acesso em: 20 abr. 2019.

DIANA, Daniela. **Biografia**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/biografia/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ESCOLA KIDS. **Características do conto**. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/conhecendo-as-caracteristicas-do-conto.htm>. Acesso em: 20 abr. 2019.

LAMOUR-CROCHET, Céline. RENARDY, Lisbeth. **A revolta das princesas**. São Paulo: Saber e Ler, 2015.

NESPOL. Criar vídeos animados com Powtoon - Tutorial Completo. **Youtube**, 19 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ED4NeXcwf3g>. Acesso em: 20 abr. 2019.

RESUMO ESCOLAR. **Protagonista e antagonista**. Disponível em: <https://www.resumoescolar.com.br/portugues/protagonista-e-antagonista/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SCHUTT, Diego. **Como transformar suas ideias em histórias?** 08 ago. 2010. Disponível em: <https://ficcao.emtopicos.com/escrever/desenvolvendo-ideias/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SHREEK Terceiro (Shrek the Third). Direção: Chris Miller (LX), Raman Hui. Produção: Jeffrey Katzenberg. EUA: DreamWorks Animation, 2007. 1 DVD (1h 33min).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Secretaria Geral de Educação a Distância. **Tutorial Powtoon**: Criando vídeos animados. 2018. Disponível em: <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-PowToon.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

3.4 Criando animações de cadeias alimentares

Contexto de utilização

O ensino de ciências, de acordo com o Currículo Referência de Minas Gerais, deve valorizar vivências, saberes, interesses e curiosidades dos estudantes sobre o mundo natural e tecnológico, com o intuito de que “possam vivenciar momentos de investigação que lhes possibilitem exercitar e ampliar sua curiosidade, aperfeiçoar sua capacidade de observação, de raciocínio lógico e de criação”; de uma forma mais colaborativa e investigativa. (SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2019, p.739).

Ensinar Ciências, assim, deve ser de uma forma motivadora que instigue os alunos a investigarem, a partir de suas hipóteses, e construam o conhecimento com base nas próprias experiências e observações, com a mediação do professor.

O trabalho a partir da modelização constitui uma prática eficiente no ensino de Ciências, pois através da criação de modelos é possível compreender melhor o mundo. Fazendo uso de maquetes, esquemas, gráficos, simulações, etc., o professor busca fortalecer “explicações de um determinado conceito, proporcionando assim, uma maior compreensão da realidade por parte dos alunos” (OLIVEIRA *et al.*, 2003, p.3).

Nos anos iniciais, a unidade Temática Vida e Evolução, proposta no currículo mineiro, propõe o ensino através “das ideias, representações, disposições emocionais e afetivas que os alunos trazem para a escola”, saberes estes que contribuem para a compreensão dos seres vivos e das relações nutricionais estabelecidas entre eles no ambiente natural. Desta forma, procura-se estudar não apenas os seres vivos, mas a relação entre eles e o ambiente, considerando os fatores que interferem direta e indiretamente no equilíbrio ambiental, incluindo aí a ação humana.

Oliveira *et al.* (2003, p.6), afirmam que cada vez se faz mais necessário o trabalho com modelos no ensino de ciências naturais e suas tecnologias, pois “a construção coletiva de uma cadeia alimentar a partir de organismos conhecidos pelos alunos se constitui numa oportunidade de experiência onde a modelização aparece como atividade criadora.” Entendendo que modelos não são realidades, mas as representam, o professor pode utilizar desta metodologia para auxiliar na

construção de um saber científico em que os alunos estabelecem relações com os conhecimentos prévios e formulando novas perguntas a partir dos modelos construídos.

Lidamos hoje em nossas escolas com uma geração que acompanhou a chegada do YouTube e que se apropria com facilidade das linguagens audiovisuais, como consumidora e produtora em potencial. Estas linguagens, presentes e constantes na vida social das crianças, necessitam ser mais utilizadas no ambiente escolar, sobretudo de uma forma que lhes permita criar e representar suas ideias. Moran destaca que, através do vídeo “experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos”, pois esta linguagem multissensorial responde “à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta”, dirigindo-se antes à afetividade do que à razão. (MORAN, 1995, *on line*.) O autor ainda afirma que, dentre as várias possibilidades do uso de vídeos na escola, o vídeo como expressão deve ser incentivado o máximo possível, pois ele tem uma dimensão moderna e lúdica, integrando linguagens e permitindo uma comunicação mais sensível e envolvente, para crianças e adultos.

Milliet (2014) traz uma reflexão importante sobre as narrativas na atualidade:

Se a arte de narrar é cada vez mais rara por falta de condições de realização da transmissão da experiência, ligada a um trabalho e tempo compartilhados, podemos pensar que ações como essa de realizar animação fazem da escola um lugar onde a experiência e a narrativa ainda são possíveis na atualidade. (MILLIET, 2014, p.112)

Partindo destes pressupostos, propõe-se aqui o trabalho com a cadeia alimentar com alunos do 4º ano do ensino fundamental, explorando as tecnologias digitais e as metodologias ativas como meio de envolver os alunos e motivá-los a construir o conhecimento, de forma mais criativa e colaborativa. A tecnologia proposta é a criação de animações, produzidas pelos próprios alunos, com a técnica do *stop motion*, que permite a criação de vídeos de animação quadro a quadro.

Objetivos

Após a realização da sequência didática, tem-se a expectativa que os alunos sejam capazes de:

- Construir cadeias alimentares simples, reconhecendo a posição ocupada pelos seres vivos nessas cadeias e o papel do Sol como fonte primária de energia na produção de alimentos.
- Analisar cadeias alimentares simples, reconhecendo a posição ocupada pelos seres vivos nessas cadeias e o papel do Sol como fonte primária de energia na produção de alimento e compreender que a interferência humana nas cadeias alimentares pode levar ao desequilíbrio ambiental.
- Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
- Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

Conteúdo

- Cadeia alimentar
- Meio ambiente
- Materialidades e técnicas artísticas
- Arte e tecnologia

Ano

4º ano do ensino fundamental – séries iniciais.

Tempo estimado

Esta sequência didática tem a duração prevista para 7 aulas de 50 minutos.

Previsão de materiais e recursos

Os materiais e recursos necessários para realização da sequência didática são:

- Lousa, giz ou pincel
- Papel 60 kg
- Pincéis atômicos
- Lápis de cor, giz de cera
- Tesoura
- Retalhos em E.V.A (emborrachado)
- Massinha de modelar (cores variadas)
- Celular (smartfone) com aplicativo Stop Motion Studio
- Suporte para câmera, tripé ou suporte improvisado
- Computadores
- Software Muan
- Acesso à internet
- Atividades impressas sobre o conteúdo Cadeia Alimentar
- Imagens impressas de animais para montagem de cadeias alimentares
- Desenho animado “Aventuras com os Kratts: A cadeia alimentar” (acesso pelo Youtube)
- Datashow
- Bilhete e convite impresso

Desenvolvimento

Aula 1

Como introdução ao tema, será apresentado aos alunos o episódio 30 do desenho animado “Aventuras com os Kratts: A cadeia alimentar”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pyZ6YSFI3Wg>. Após o desenho, será questionado aos alunos o que é cadeia e teia alimentar, pedindo que deem exemplos. Com base nas respostas dos alunos, a professora registrará em um cartaz um esquema, no modelo de mapa mental, intitulado “Cadeia e Teia Alimentar – o que sabemos.”

Figura 7 - Exemplo de mapa mental de cadeia alimentar.



Fonte: BRASIL ESCOLA, 2018.⁹

Feito o esquema, a professora tirará uma fotografia do cartaz para que na aula seguinte os alunos tenham uma cópia impressa em seu caderno, como registro inicial.

Será dada como tarefa de casa que os alunos acessem o site Brasil Escola, pelo link <https://brasilescola.uol.com.br/biologia/cadeia-teia-alimentar.htm>, realizando a leitura da matéria Cadeia e teia alimentar, para responder à atividade:

ATIVIDADE DE CIÊNCIAS

Data: __/__/__

ALUNO(A): _____

1. Com base na leitura, explique a diferença entre cadeia alimentar e teia alimentar.
2. Quais são os níveis tróficos presentes numa cadeia alimentar? Explique cada um, dando exemplos.
3. Crie uma cadeia alimentar utilizando imagens ou ilustrações, identificando o lugar de cada um na cadeia (níveis tróficos).
4. Explique qual a importância do sol nas cadeias alimentares.

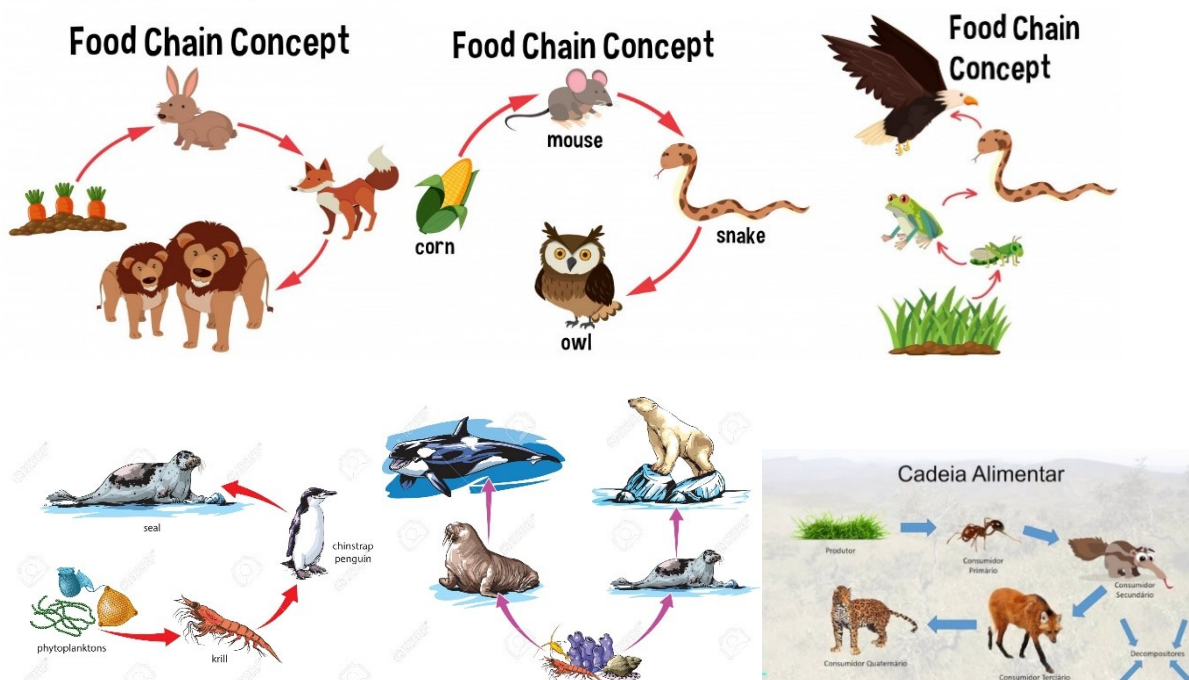
⁹ Disponível em: https://s1.static.brasilescola.uol.com.br/img/2018/12/cadeia-teia-alimentar_be.jpeg. Acesso em: 30 maio 2019.

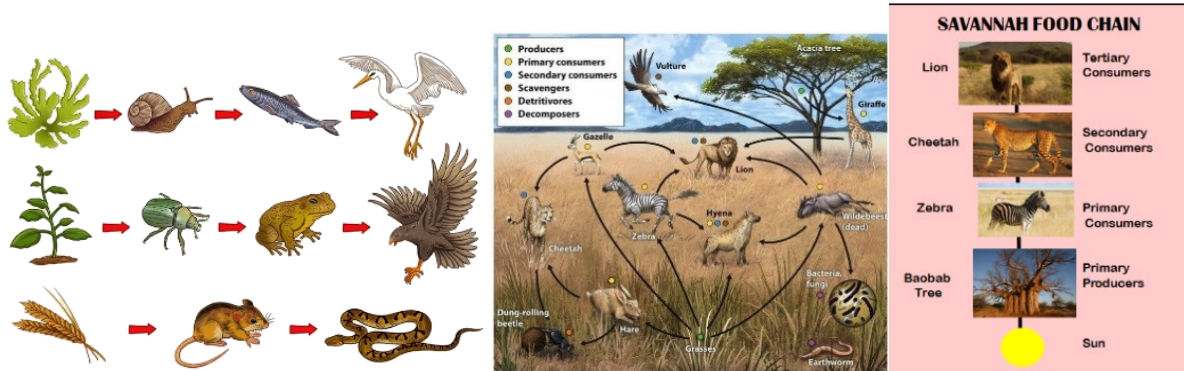
Aula 2

No laboratório de informática, os alunos acessarão o simulador de cadeias alimentares, no portal Dia a dia Educação (SEE do Paraná), disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_08/singlefile.php?cid=5&lid=1616.

Após esta atividade, será proposto que joguem o jogo on line “Quem come o quê?”, disponível em: <http://www.gameseducativos.com/quem-come-o-que/ciencias>. Também é interessante que acessem o Jogo de cadeia alimentar no site <https://www.cokitos.pt/jogo-de-cadeia-alimentar/play/>. Apesar de estar em inglês, é possível que os alunos compreendam o conteúdo, pois esta atividade contém dois exemplos, sendo um da cadeia alimentar na floresta e outro da cadeia alimentar com seres vivos do norte, incluindo o sol como fator importante.

De volta à sala de aula, cada aluno irá receber um kit de imagens previamente recortadas, a fim de compor uma cadeia alimentar, identificando os níveis tróficos de cada elemento (produtores, consumidores e decompositores). Abaixo, alguns exemplos de cadeias alimentares, cujas figuras devem estar recortadas para que os próprios alunos montem na ficha a seguir.





Fonte: 123RF, 2019.¹⁰

Exemplo de ficha para atividade de cadeia alimentar (aula 2).

COMPONDO UMA CADEIA ALIMENTAR

Aluno(a): _____

Professora: _____ Turma: _____

Ambiente: _____

Utilize as imagens recebidas para montar a cadeia alimentar. Identifique cada elemento da cadeia como: decompositor, produtor, consumidor (primário, secundário, terciário, quando houver).

Fonte: Elaborada pela autora.

¹⁰ Disponível em: https://www.123rf.com/clipart-vector/food_chain.html?sti=nhdw7gs9crupqetggh. Acesso em: 30 maio 2019.

Para aferir a aprendizagem sobre o conteúdo, como tarefa de casa os alunos poderão realizar o Jogo Trivia Cadeia Alimentar, disponível em: <https://www.smartkids.com.br/jogos-educativos/jogo-trivia-cadeia-alimentar>.

Aula 3

Na aula seguinte, com as fichas já preenchidas com as cadeias alimentares, a turma será dividida em grupos de 3 a 4 alunos. Cada grupo escolherá uma das fichas para representar a cadeia alimentar através de um vídeo em *stop motion*. A professora poderá mostrar antes o que é um *stop motion*, exemplificando a proposta. Como sugestão, pode-se apresentar o vídeo “Cadeia alimentar disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S1dw8gBqb_E.

Figura 9 - Cena do stop motion Cadeia alimentar.



Fonte: FESTIVAL DE ANIMAÇÃO STOP MOTION, 2018. ¹¹

Outros vídeos podem ser mostrados, a fim de enriquecer o repertório dos alunos e ampliar as possibilidades de criação. A exemplo, os vídeos *Stop Motion*: “A cadeia alimentar”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ow5MsRGDf6Q> e “*Stop motion* sombras cadeia alimentar”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sf3rTlp4hPc>.

Logo após, a professora fará uma explicação sobre como realizar um vídeo em *stop motion*, mostrando os cuidados que se deve ter na hora de fotografar cada cena, enquadrando utilizando o grid da câmera, cuidando para que o zoom esteja adequado, bem como a iluminação. Para conhecer dicas básicas de criação de *stop*

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S1dw8gBqb_E. Acesso em: 31 maio 2019.

motion, sugerimos o canal no YouTube “Os Bonequinhos”, disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCAmB_1jWtO35ALw7xoiTOlg. Nele se encontram tutoriais simples para criação de animações.

Após estas explicações, a professora combinará que na próxima aula (uma oficina de arte), os alunos deverão providenciar os materiais necessários para a atividade, como massinha de modelar, canetinhas, lápis de cor, papéis coloridos, E.V.A, etc., a fim de representarem os elementos da cadeia alimentar. Também deverão providenciar os celulares, com prévio consentimento e autorização dos responsáveis (por meio de bilhete).

Aula 4

Nesta aula de arte, os grupos se reúnem em uma mesa para criarem seus personagens para a animação, utilizando materiais diversos, à escolha do grupo. É importante salientar que, caso sejam cenas ilustradas, os objetos poderão ser confeccionados em diversas posições, a fim de mostrar mais movimento. No caso da animação de massinha, é importante pensar que eles possam se mover ou mudar de expressão. Após a confecção dos objetos e cenários, a professora orientará os grupos a utilizar a câmera da forma adequada, que poderá estar fixa em algum suporte ou de forma improvisada, permitindo que ela esteja imóvel. Os alunos devem ser orientados a tirar várias fotos, cena a cena, que ficarão armazenadas no celular para uso na próxima aula.

Para confeccionar um suporte de garrafa pet, assista ao tutorial “DIY Tripé para celular feito com garrafa pet” pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=r3wXe0DWh-w>.

Aulas 5 e 6

Para estas aulas será necessário baixar o aplicativo Stop Motion Studio nos smartphones, encontrado na Play Store. Para importação de imagens, é necessária a compra desta funcionalidade. Caso seja impossível realizá-la, pode-se utilizar a ferramenta gratuita Muan, que é um software livre, devendo ser instalado nos computadores do laboratório de informática. Cada grupo, utilizando um aparelho, importará as fotos tiradas na aula anterior para o aplicativo ou programa, compondo a animação. A professora orientará quanto ao uso das ferramentas disponíveis. Os grupos deverão criar também um título para a animação, bem como os créditos.

Após concluídas, as animações deverão ser publicadas no YouTube, pois desta forma os alunos poderão adicionar um fundo musical, disponibilizado na plataforma no momento do carregamento. Para isso, a professora deverá criar uma conta no YouTube, caso não tenha, ou estar logada na conta da escola (caso a escola já tenha um canal no YouTube). Considerando que seja a primeira experiência da turma com estes aplicativos, serão necessárias duas aulas para concluir a animação.

Aula 7

Nesta aula, antecipadamente serão convidadas outras turmas ou mesmo nos familiares dos alunos para assistirem na escola às animações criadas pelos grupos sobre o conteúdo estudado. Cada animação, desta forma, será projetada em Datashow, após uma introdução da professora sobre o conteúdo. Após a exibição de cada filme, um representante do grupo falará sobre a experiência de produzirem uma animação, quais desafios e como foi o resultado. Esta é uma forma de valorizar as produções dos alunos e dar visibilidade ao conhecimento adquirido durante a sequência didática.

Avaliação

A avaliação será de caráter processual e formativo, utilizando os seguintes instrumentos de registro:

- Fotos do processo de participação dos alunos em cada etapa;
- Registro em diário de campo sobre o desenvolvimento dos alunos em cada atividade proposta;
- Atividades realizadas pelos alunos para aferição da aprendizagem;
- O material confeccionado pelos grupos (animações produzidas)
- Avaliação oral realizada após a conclusão da sequência didática, seguindo o roteiro de perguntas a serem respondidas pelo grupo:

1. Vocês concluem, com as atividades realizadas, que conseguiram compreender os conceitos de teia e cadeia alimentar?

2. Qual a importância do ser humano para o equilíbrio ambiental e manutenção das espécies?

3. Que dificuldades vocês encontraram para realizar a animação?

4. O que acharam da experiência de criar uma animação?
5. O que vocês sentiram após a realização do projeto e ao compartilhar o vídeo criado com os colegas e familiares?

A seguir, uma sugestão de tabela para avaliação.

Aluno(a):				
Aula 1	Assistiu atentamente o episódio do desenho, demonstrando compreensão sobre o que é cadeia alimentar?	SIM	PARC	NÃO
	Realizou a tarefa de casa com base na leitura do site indicado?			
Aula 2	Demonstrou compreensão dos níveis tróficos de cadeias alimentares presentes nos jogos?			
	Compôs corretamente a cadeia alimentar, identificando os níveis tróficos?			
Aulas 3 e 4	Produziu, com criatividade e contribuindo com o grupo, o material (objetos e cenário) para criação do <i>stop motion</i> ?			
	Utilizou os conhecimentos adquiridos nas instruções para realizar as cenas do <i>stop motion</i> , obedecendo a uma sequência lógica de cadeia alimentar?			
Aulas 5 e 6	Colaborou com o grupo na edição do vídeo e na sugestão de recursos como fundo musical, título e legendas?			
	Participou ativamente da revisão coletiva da animação criada e da resposta ao roteiro de perguntas relativas ao trabalho realizado?			
Aula 7	Participou da apreciação dos trabalhos, demonstrando interesse por suas produções e dos colegas?			

Referências

Para o professor

GUEDES, Tayla. DIY Tripé para celular feito com garrafa pet. **Youtube**, 21 set. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r3wXe0DWh-w>. Acesso em: 31 maio 2019.

MILLIET, Joana Sobral. **Pedagogias da Animação**: Professores criando filmes com seus alunos na escola. Orientadora: Adriana Hoffmann Fernandes. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.animaescola.com.br/media/leitura/1475163471.pdf>. Acesso em: 31 maio 2019.

MORAN, José. O Vídeo na Sala de Aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 2, p.27-35, 1995. Jan/abr. Disponível em:

http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios_pessoais/vidsal.pdf. Acesso em: 22 abr. 2019.

OLIVEIRA, V. L. B. *et al.* **Cadeia alimentar:** modelos e modelizações no ensino de Ciências Naturais. Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - ENPEC. Bauru, SP, 25-29 de novembro de 2003. Disponível em: <http://axpfep1.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL048.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www2.educacao.mg.gov.br/images/documentos/20181012%20-%20Curr%C3%ADculo%20Refer%C3%AAncia%20de%20Minas%20Gerais%20vFinal.pdf>. Acesso em: 28 maio 2019.

Para o estudante

ANIMA Escola. **Youtube.** Disponível em: <https://www.youtube.com/user/animaescola>. Acesso em: 31 maio 2019.

AVENTURAS com os Kratts: A cadeia alimentar. **Youtube.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pyZ6YSFI3Wg>. Acesso em: 30 maio 2019.

BRASIL ESCOLA. **Mapa mental de cadeia alimentar.** 2018. Disponível em: https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/img/2018/12/cadeia-teia-alimentar_be.jpeg. Acesso em: 30 maio 2019.

CADEIA alimentar. Festival de Animação Stop Motion. **Youtube**, 06 dez. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S1dw8gBqb_E. Acesso em: 31 maio 2019.

COKITOS. **Jogo de cadeia alimentar.** 2018. Disponível em: <https://www.cokitos.pt/jogo-de-cadeia-alimentar/play/>. Acesso em: 31 maio 2019.

FERNANDES, Matheus Igor Pinheiro. StopMotion: A cadeia alimentar. 11 abr. 2018. **Youtube**, 28 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ow5MsRGDf6Q>. Acesso em: 31 maio 2019.

GAMES EDUCATIVOS. **Jogo Quem come o quê?** 2011. Disponível em: <http://www.gameseducativos.com/quem-come-o-que/ciencias>. Acesso em: 31 maio 2019.

OS BONEQUINHOS. **Youtube**, 28 ago. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCAmB_1jWtO35ALw7xoiTOlg. Acesso em: 31 maio 2019.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Simulador Ciclo natural:** cadeia alimentar. 2011. disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_08/singlefile.php?cid=5&lid=1616. Acesso em: 31 maio 2019.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Cadeia e teia alimentar**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/cadeia-teia-alimentar.htm>. Acesso em: 30 maio 2019.

SARTORE, Anna Rita. Stopmotion sombras cadeia alimentar. **Youtube**, 28 out. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sf3rTlp4hPc>. Acesso em: 31 maio 2019.

SMARTKIDS. **Jogo Trivia Cadeia Alimentar**. Disponível em: <https://www.smartkids.com.br/jogos-educativos/jogo-trivia-cadeia-alimentar>. Acesso em: 31 maio 2019.

3.5 Meninas na história

Contexto de utilização

O conhecimento histórico envolve mais que conhecer fatos e datas, e vai além de conhecer sua própria cultura e sociedade, e ainda nas séries iniciais do ensino fundamental, noções importantes de cidadania e política devem ser desenvolvidas, permeando o trabalho com as ciências humanas. Tais direitos são garantidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visando educar as crianças para serem cidadãos críticos, autônomos, responsáveis e atuantes na sociedade.

Entre as competências específicas de história do ensino fundamental está a de “compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços” para que o aluno seja capaz de “analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo” (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p.402).

Desta forma, refletir sobre o papel social dos indivíduos e questionar formas de dominação e opressão faz-se necessário, relacionando acontecimentos do passado ao tempo presente, para assim intervir positivamente na realidade e atuar de forma reflexiva e crítica diante de situações de desrespeito aos direitos humanos, sem distinção de raça, gênero, classe social, religião etc. No 5º ano, os conteúdos enfatizam a “diversidade dos povos e culturas e suas formas de organização”,

compreendendo a “noção de cidadania, com direitos e deveres, e o reconhecimento da diversidade das sociedades” que “pressupõem uma educação que estimule o convívio e o respeito entre os povos.” (BRASIL. Ministério da Educação, 2018, p.404).

Para esta sequência didática, optou-se pela temática da intolerância racial, religiosa e política, existente em diversas nações e manifestada em épocas diferentes, ressaltando o papel feminino na resistência e na luta por direitos básicos. Para isso, esta sequência didática busca promover o conhecimento de realidades distintas em que viveram cinco meninas, cuja trajetória marcou a história contemporânea, tornando-se grandes exemplos inspiradores na luta contra o preconceito e a intolerância, em suas diversas formas.

É importante considerar que as crianças de hoje, em sua grande parte, estão imersas em uma realidade em que cada vez mais é presente o uso das redes sociais, inclusive para obter conhecimento sobre o que acontece no mundo no cenário atual. Do mesmo modo, estas mesmas redes sociais podem ser veículos onde a intolerância e discursos preconceituosos são disseminados, por isso é tão importante que a escola trabalhe com estas tecnologias de forma a desenvolver o senso crítico diante do uso das redes sociais. Nossa relação com as redes sociais virtuais se configura em um movimento híbrido entre real e virtual, marcado pela experiência política dos sujeitos “cada vez mais atravessada por essas duas dimensões”, visto que, “ao agirmos politicamente, oprimindo ou resistindo, discriminando ou incluindo, informando ou desinformando, estamos cada vez mais atravessados pelo mundo digital.” (ALVES, 2017, p.7).

Para Garbin (2003), o uso massivo das mídias digitais trouxe uma espécie de “desterritorialização” das identidades, pois, antes, as identidades estavam “fortemente marcadas por questões de território” - limitadas a nações, regiões, bairros, clubes, escolas, espaços geográficos que distinguiam as identidades. Hoje, não mais a questão geográfica as distingue, mas muito mais os gostos, preferências e estilos de vida em comum. O ciberespaço é, assim, um espaço democrático, que permite aos indivíduos “serem não apenas consumidores ativos ou passivos dos produtos de informação e da cultura global, mas agentes de seus próprios produtos culturais e também distribuidores desses elementos.” (CUNHA, 2012, p.162).

De acordo com o Portal InfoGeekie, o uso das redes sociais pode promover mais facilmente a “integração tecnológica, por ser mais familiar aos educadores, e

ter o papel de abrir portas para inovações mais profundas. ” (GEEKIE, 2016, p.5). Sabe-se que apenas inserir o uso das tecnologias digitais na escola não garante a inovação, mas esta só é possível quando se ultrapassam as concepções e metodologias mais tradicionais para empoderar o professor, “aumentando seu poder para ensinar” e o aprendiz, colocando-o no centro do processo educativo, quando ativamente ele passa a utilizar a tecnologia como ferramenta de aprendizagem. (FINO, 2015).

Conforme Amante (2011, p. 240, *apud* Evangelista; Sales, 2016), é preciso desconstruir a ideia do que seja ensinar e aprender com o uso das tecnologias, e isso requer de nós o esforço de não "adotar uma atitude passiva e cômoda face à aprendizagem", pois, "implica novas responsabilidades e implica mudar a concepção de educação e do processo educativo". Desta maneira, o papel da escola é importantíssimo, pois além de promover o uso das TDIC por meio de metodologias ativas ela deve preparar os estudantes para lidar de forma crítica e responsável com todas estas tecnologias, utilizando-as para seu crescimento pessoal e social.

Sob estas perspectivas, propomos a presente sequência didática, a fim de abordar a diversidade cultural existente no mundo para que os alunos compreendam a importância do respeito e assim reflitam sobre suas posturas diante dos problemas sociais existentes em seu entorno, para desenvolver a atitude cidadã voltada para uma cultura de paz e tolerância no ambiente escolar e fora dele, valorizando o papel da figura feminina na conquista de direitos e superação da discriminação.

Objetivos

Após a realização da sequência didática, tem-se a expectativa que os alunos sejam capazes de:

- Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.
- Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.
- Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

- Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais, incluindo as redes sociais nos processos de expressão e compartilhamento de ideias.
- Utilizar software, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis.
- Ler e compreender, com autonomia, cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
- Escrever, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor textos de campanhas de conscientização destinados ao público infantil e adulto, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.
- Valorizar a figura feminina como símbolo de resistência contra diversas formas de intolerância e de luta por igualdade de direitos.

Conteúdo

- Cidadania
- Diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas
- Arte e tecnologia
- Registros escritos e orais, memórias
- Utilização de tecnologia digital
- Rede social e práticas sociais de escrita e leitura

Ano

5º ano do Ensino Fundamental – séries iniciais.

Tempo estimado

Esta sequência didática tem a duração prevista para 11 aulas de 50 minutos.

Previsão de materiais e recursos

Os materiais e recursos necessários para realização da sequência didática são:

- Lousa, giz ou pincel
- Papel 60 kg
- Pincéis atômicos
- Imagens impressas coloridas em folhas A4
- Computadores e impressora colorida
- Software de editor de texto e de imagens
- Acesso à internet
- Atividades impressas (roteiros de pesquisa,
- Vídeos do YouTube
- Datashow
- Bilhete impresso solicitando autorização dos pais para criação de grupo no WhatsApp
- Celular com aplicativo WhatsApp (uso do professor e alunos/pais)
- Folhas A4
- Fita crepe

Desenvolvimento

Aula 1

Antes de iniciar a aula, o professor deverá fixar no quadro ou nas paredes da sala de aula imagens de meninas em situações comuns aos alunos, como brincando, estudando ou passeando com a família. Como sugestões, as imagens a seguir servem para ilustrar estes momentos, que simbolizam direitos de toda criança:

Figura 10 - Meninas indígenas brincando de roda.



Fonte: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2007.¹²

Figura 11 - Meninas da periferia pulando corda.



Fonte: PRINTEREST, 2019.¹³

Figura 12 - Mãe e filha pedalando no parque



Fonte: FREEPIK, 2019.¹⁴

¹² Disponível em:

https://img.socioambiental.org/d/3721816/irantxe_fev_mar_2007+aldeia+cravari128.jpg Acesso em: 05 jul. 2019.

¹³ Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/192458584050748120/?nic_v2=1a3KMI2WZ Acesso em: 05 jul. 2019.

¹⁴ Disponível em: https://image.freepik.com/fotos-gratis/mae-e-filha-estavam-pedalando-no-parque-pela-manha_46139-454.jpg Acesso em: 05 jul. 2019.

Figura 13 - Meninas japonesas na escola



Fonte: CULTURA MIX, 2019.¹⁵

Figura 14 - Meninas africanas na escola.



Fonte: CAFOR, 2019.¹⁶

Figura 15 - Meninas asiáticas brincando na areia.



Fonte: FREEPIK, 2019.¹⁷

¹⁵ Disponível em: <https://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/educacao-no-japao-4/Educa%C3%A7%C3%A3o-no-Jap%C3%A3o-10.jpg> Acesso em: 05 jul. 2019.

¹⁶ Disponível em: https://cafor.org/message-of-the-executive-director-of-cafor-lawalley-cole-for-march-2019/education-afrique_0_1399_934/#primary Acesso em: 05 jul. 2019.

¹⁷ Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/crianca-duas-meninas-asiaticas-brincando-com-areia-no-parque-infantil-juntos_1400317.htm Acesso em: 05 jul. 2019.

Figura 16 - Meninas indianas gangorreando no parque.



Fonte: DECCANHERALD, 2017.¹⁸

Figura 17 - Meninas africanas brincando de bonecas.



Fonte: FTVE JUNDIAI, 2018.¹⁹

Depois de dar aos alunos tempo para apreciarem as imagens, será proposta uma roda de conversa, em que a professora lançará as seguintes perguntas:

- O que estas imagens têm em comum?
- Que culturas/ povos/ regiões elas representam?
- Que direitos fundamentais estão expressos nestas imagens?
- Estas situações sempre foram possíveis? E atualmente, é garantido que sempre possam acontecer?

Com base nas respostas dadas pelos alunos, o professor fará os registros no quadro ou em um mural, contendo os conhecimentos prévios dos alunos.

¹⁸ Disponível em: <https://www.deccanherald.com/content/636016/indian-children-have-less-outdoor.html> Acesso em: 05 jul. 2019.

¹⁹ Disponível em: <https://ftve.jundiai.sp.gov.br/news/2018/10/17/jundiai-recebe-projeto-que-busca-resgatar-infancia-de-meninas-africanas/> Acesso em 05 jul. 2019.

Como tarefa de casa, será pedido que cada aluno pesquise e ilustre em seu caderno os dez direitos mencionados na Declaração Universal dos Direitos da Criança, instituída pela Assembleia das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959.

Aula 2

Os alunos assistirão a uma sequência de vídeos curtos, projetados em Datashow, sobre meninas cujas histórias foram marcadas pela superação aos preconceitos e diversos tipos de intolerância. Abaixo, os links dos vídeos:

Mulheres Fantásticas #1 | Malala Yousafzai

https://www.youtube.com/watch?v=aIUvH5b0A_8

Mulheres Fantásticas #3 | Hedy Lamarr

<https://www.youtube.com/watch?v=ogtJD7PZuno>

Mulheres Fantásticas #4 | Yusra Mardini

https://www.youtube.com/watch?v=Q6KbS4kV_dw

Mulheres Fantásticas #6 | Maria Quitéria

<https://www.youtube.com/watch?v=DroSw74zqyA>

Após assistirem aos vídeos, será pedido que os alunos expressem oralmente suas impressões, se já conheciam alguma dessas histórias e que barreiras conseguiram identificar em cada relato. Nesta atividade se espera que os alunos identifiquem algumas formas de preconceito e discriminação sofridas por mulheres. O professor, neste sentido, pode fazer algumas interferências, questionando aos alunos se estas formas de discriminação acontecem ainda hoje, se já ouviram ou presenciaram alguma forma de negação de direitos a mulheres ou meninas, simplesmente por serem do sexo feminino. Pode-se ainda questionar sobre funções desempenhadas na sociedade especialmente por homens, e outras em que eram destinadas exclusivamente a mulheres, como os serviços domésticos.

Como tarefa de casa, será pedido que os alunos pesquisem se, nas suas famílias ou na vizinhança há alguma mulher que ocupa um cargo ou função que antes era predominantemente masculina, para que relate suas descobertas em sala de aula.

Aula 3

Os alunos socializarão suas descobertas, enumerando algumas posições atualmente ocupadas por mulheres, demonstrando uma conquista de espaço no mercado de trabalho.

Logo após, a professora explicará que, durante as próximas aulas, os alunos conhecerão histórias de algumas meninas que se destacaram por superarem grandes dificuldades, tornando-se porta-vozes contra a intolerância e a violência. A turma será dividida em grupos de 5 a 6 pessoas, sendo solicitado que cada aluno pesquise sobre uma personalidade, registrando em seu caderno, a saber:

Grupo 1 – Malala Yousafzai

Grupo 2 – Bana Alabed

Grupo 3 – Severn Cullis-Suzuki

Grupo 4 – Ruby Bridges

Grupo 5 – Anne Frank

Esta pesquisa será apresentada oralmente à turma por cada grupo, na aula seguinte, sendo pedido que uma foto da personalidade pesquisada seja fixada ao quadro, juntamente com o seu nome, de maneira que todos os alunos conheçam um pouco de cada história.

Como sugestão de roteiro para esta pesquisa, segue um modelo de impresso:

ROTEIRO DE PESQUISA

ALUNO(A): _____ GRUPO: _____

Seguindo o roteiro, pesquise na internet sobre a vida de _____

1. Nome completo, data de nascimento, local de origem (país, cidade).
2. Contexto histórico em que viveu (cite que problemas seu país/região enfrentava).
3. Com que dificuldades esta menina e sua família tiveram que lidar?
4. Que saída ou solução ela encontrou diante destes problemas?
5. Que legado ou mensagem esta menina deixou para a sociedade?
6. Seu grupo deverá providenciar uma foto impressa desta personalidade, com seu nome, (em folha tamanho A4), para ser apresentada à turma na aula seguinte.

Aula 4

O professor proporá que os alunos utilizem a rede social WhatsApp para a sequência do trabalho em grupo. Para isso, já que se trata de menores de idade, é necessário antes solicitar aos responsáveis a permissão e um contato para ser inserido no grupo a ser criado, de forma que cada estudante tenha acesso por meio do contato do responsável. Feito isso, com autorização por escrito, tendo os contatos adicionados, o professor criará o grupo da turma, explicando nele e em sala de aula as regras para o bom funcionamento do grupo, com fins exclusivamente pedagógicos. É importante construir as regras de forma clara com a turma, explicitando o que é permitido ou não postar no grupo. Como sugestão, pode ser elaborado um cartaz com a turma, que estará exposto na sala de aula.

O professor será responsável por postar as atividades para os grupos, que deverão participar de cada etapa, sendo avaliadas as contribuições de cada integrante.

Estas atividades e interações on line serão realizadas fora do horário escolar. Como primeira atividade, o professor pedirá que cada grupo pesquise o significado da palavra “intolerância”, bem como as formas com que ela é manifesta, devendo postar no grupo a pesquisa de forma sucinta.

Aula 5

Será projetado o discurso de Malala, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLKpqajRruQ> e, logo após, o discurso de Severn Cullis-Suzuki (Eco 92 - A Menina que calou o Mundo por 5 minutos – Legendado), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CfxmxrPQD_c.

Antes de iniciar, o professor pedirá que os alunos assistam atentamente aos discursos, anotando uma frase que para eles foi mais significativa.

Após o vídeo, os alunos compartilharão suas impressões acerca do discurso de Malala e de Severn Cullis-Suzuki, relacionando às suas vivências, com mediação do professor. Cada aluno deverá, desta forma, participar no grupo de WhatsApp, fora do horário de aula, postando uma imagem junto à frase que retirou do discurso (é importante explicar que a imagem escolhida deve ilustrar a frase retirada, de forma coerente).

Aula 6

Os alunos assistirão à reportagem do Fantástico: Menina de 7 anos faz diário na internet sobre a guerra na Síria, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5535808/>.

Também conhecerão um trecho do Diário de Anne Frank, que será entregue impresso a cada aluno para leitura:

TRECHOS DO DIÁRIO DE ANNE FRANK

"Com meu diário, quero dizer que pretendo ir mais adiante; não posso me imaginar vivendo como minha mãe ou a sra. Van Daan e todas aquelas mulheres que cumprem suas obrigações e mais tarde são esquecidas. Eu preciso ter algo mais que um marido e filhos, algo a que possa me dedicar totalmente. Quero continuar vivendo depois da minha morte..." (20 de junho de 1942)

"Preciso tornar-me boa através de meu próprio esforço, sem exemplos e sem bons conselhos. Então, mais tarde, deverei ser bem mais forte. Quem além de mim lerá estas frases? A não ser comigo, com quem posso contar? Um sem-número de amigos foram para um triste fim. Ninguém é poupado, cada um e todos se juntam na marcha da morte." (20 de outubro de 1942)

"Devo ficar pensando sobre todos os que estão morrendo, seja o que for que esteja fazendo? E se eu quero rir de alguma coisa, deveria parar imediatamente e sentir-me envergonhada por estar contente?" (20 de novembro de 1943)

"Não acredito que apenas os homens de projeção, os políticos e os capitalistas sejam culpados pela guerra. Não, o homem comum também é... Há uma urgência nas pessoas em destruir e matar, e até que toda a humanidade, sem exceção, passe por uma grande mudança, as guerras se sucederão." (3 de maio de 1944)

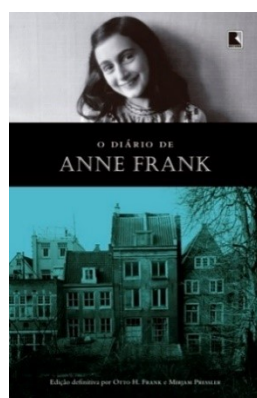
"É realmente inexplicável que eu não tenha deixado de lado todos os meus ideais, porque eles parecem tão absurdos e impossíveis de se concretizarem. Mesmo assim eu os conservo, porque ainda acredito que as pessoas são boas de coração. Simplesmente não posso edificar minhas esperanças sobre alicerces de confusão, miséria e morte. Vejo o mundo gradativamente se tornando uma selvageria. Escuto o trovão se aproximando, cada vez mais, o que nos destruirá também; posso sentir o sofrimento de milhões e ainda assim, penso que tudo irá se corrigir, que esta crueldade também terminará. Enquanto isso, preciso adiar meus ideais para quando chegarem os tempos em que talvez eu seja capaz de alcançá-los." (15 de julho de 1944)

Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2011/04/trechos-do-diario-de-anne-frank.html>.

Logo após, o professor trará à turma a discussão sobre as formas de registros de memórias e experiências pessoais que existiam no passado, como os diários e

cartas pessoais e as que temos hoje mais presentes, como o Twiter, Blog, Facebook, etc. Poderá perguntar aos alunos se já utilizaram alguns destes meios para relatar suas vivências e leva-los a refletir sobre a importância destes meios para documentar uma história, pois através destes registros a história destas meninas ficou conhecida no mundo inteiro (explicar que o diário de Anne Frank se tornou, após sua morte, um livro, mundialmente conhecido e lido por muitas pessoas).

Figura 18 - Livro “O Diário de Anne Frank”.



Fonte: EDITORA RECORD, 1995.²⁰

Será proposto que os grupos se organizem na sala para criarem um texto coletivo sobre a guerra e a privação de direitos que ela causa às pessoas. Os textos serão recolhidos para que o professor analise e sugira possíveis correções ou melhoramentos, para serem digitados na aula seguinte.

Aula 7

No laboratório de informática, os textos serão digitados em um editor de textos por um representante do grupo, enquanto os demais criam imagens que retratarão cenários de guerra, utilizando o Paint ou outro software para desenhos, como TuxPaint ou Gimp. As imagens criadas, bem como os textos, serão salvas para posteriormente serem impressas e expostas nos corredores da escola, na forma de um mural, e também compartilhadas na página/ site da escola.

²⁰ Disponível em: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/biografias/autobiografia/o-diario-de-anne-frank-156639>. Acesso em: 07 jul. 2019.

Aulas 8 e 9

Os alunos assistirão ao filme “A História de Ruby Bridges”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q1O_XPkWzzo. Como a duração do filme é de aproximadamente 1 hora e 30 minutos, serão necessárias duas aulas. Como tarefa de casa, os alunos deverão postar no grupo de WhatsApp um áudio em resposta à pergunta: “Se fosse você, no lugar de Ruby Bridges, vivendo a mesma situação hoje, o que faria? Como se sentiria?”

Depois, o professor lançaria outra questão a ser discutida no grupo:

Leia a frase a seguir:

“Ruby Bridges explicou que só compreendeu verdadeiramente que era a única criança negra naquela escola quando um menino lhe disse ‘a minha mãe disse-me que eu não posso brincar contigo porque tu és negra. Foi aí que compreendi o racismo’.

ESTEVES, Pedro. **Ruby Bridges. “O racismo ainda não acabou”**. Disponível em: <https://observador.pt/2017/09/30/ruby-bridges-o-racismo-ainda-nao-acabou/>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Explique com suas palavras o que é **racismo**. Cite um exemplo de racismo que pode ocorrer nos dias atuais. Se possível, compartilhe no grupo uma notícia que envolve atos de racismo.

Aula 10

Finalizando esta sequência didática, os grupos irão criar um cartaz para uma campanha no espaço escolar e nas redes sociais, contra os diversos tipos de discriminação e intolerância. Para isso, utilizarão os computadores do laboratório de informática para criarem o cartaz, inserindo a foto da personalidade pesquisada pelo grupo, a frase selecionada e criando abaixo uma frase direcionada ao público. Para isso, o professor deve mediar a construção das frases, que podem estar no modo imperativo e serem curtas, a fim de captar a atenção do leitor.

Após finalizados, estes cartazes serão impressos e expostos na escola, em pontos estratégicos, e compartilhados no grupo de WhatsApp da turma e nas redes sociais da escola, como forma de conscientização e divulgação da campanha.

Avaliação

A avaliação será de caráter processual e formativo, através da observação da participação dos alunos e envolvimento em cada atividade, utilizando também os

registros realizados (individuais e em grupos), bem como as participações e interações no grupo de WhatsApp.

Abaixo, uma sugestão de tabela para avaliação de cada aluno.

Aluno(a):				
Aula 1	Participou ativamente da aula, analisando as imagens contribuindo com suas opiniões em roda de conversa?	SIM	PARC	NÃO
	Realizou a tarefa de casa contendo os 10 direitos da criança seguidos de ilustrações?			
Aula 2	Participou oralmente da discussão acerca dos papéis desempenhados por mulheres nas sociedades?			
	Realizou pesquisa com ajuda da família?			
Aula 3	Expôs oralmente sua pesquisa para o grupo?			
Aula 4	Contribuiu com o grupo postando no WhatsApp o conceito de intolerância?			
Aula 5	Extraíu dos discursos assistidos uma frase marcante, demonstrando compreensão do contexto?			
	Realizou postagem no WhatsApp da frase com imagem ilustrativa, contribuindo com o grupo?			
Aula 6	Participou da aula com atenção e interesse?			
	Contribuiu com o grupo na produção de texto coletivo com base nos conhecimentos adquiridos na aula?			
Aula 7	Utilizou os softwares disponíveis para digitar texto ou criar imagem relacionada a cenas de guerra?			
Aulas 8 e 9	Assistiu atentamente ao filme apresentado?			
	Respondeu à pergunta de forma coerente e interagiu no grupo de WhatsApp, demonstrando compreensão do tema abordado?			
Aula 10	Participou da criação de cartaz com imagem da personalidade e frase de impacto, revelando uma postura cidadã diante da intolerância?			
	Preencheu a ficha de autoavaliação?			

Como autoavaliação, os alunos preencherão a ficha a seguir:

Figura 19 – Ficha de autoavaliação

Agora é sua vez de avaliar o que aprendeu neste projeto. Lela as afirmações e marque a opção mais apropriada.

	 SIM	 MAIS OU MENOS	 NÃO
Eu sei identificar algumas formas de preconceito e intolerância.	☐	☐	☐
Eu aprendi que as mulheres participam ativamente da história.	☐	☐	☐
Eu aprendi a realizar uma campanha para divulgar uma ideia importante.	☐	☐	☐

BlueingMedia/Shutterstock.com

Fonte: EDITORA EVOLUIR, 2018. ²¹

²¹ Coleção Aprendendo com Projetos. Livro Viver em Sociedade – Projetos integradores, cap. 02: Mulheres incríveis, p. 29.

Referências

Para o professor

ALVES, Marco Antônio Sousa. A cibercultura e as transformações em nossas maneiras de ser, pensar e agir. In: LIMA, Nádia Laguárdia; STENGEL, Márcia; NOBRE, Márcio Rimet; DIAS, Vanina Costa. (Org.). **Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã. 2017. p. 169-180.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 04 jul. 2019.

CUNHA, Úrsula Nascimento de Sousa. Cibercultura e as identidades líquidas: reflexão sobre a cultura na era das novas tecnologias. **Pontos de Interrogação: Linguagens, identidades e letramentos**, Alagoinhas, v. 2, n. 2, p.157-170, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/download/1558/1020>. Acesso em: 02 jul. 2019.

EVANGELISTA, Gislene Rangel, SALES, Shirlei Rezende. Desajustes Contemporâneos: um levantamento bibliográfico sobre currículo e tecnologias digitais. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.03, p. 1107 - 1129, jul./set. 2016.

FINO, Carlos Nogueira. Quatro ideias sobre a relação entre TIC e currículo. In: MORGADO, José Carlos; MENDES, Geovana M. Lunardi; MOREIRA, Antônio Flávio; PACHECO, José Augusto (Org.). **Currículo, internacionalização e cosmopolitismo: desafios contemporâneos em contextos luso-afro-brasileiros**. Santo Tirso: De Facto Editores, 2015, v.2, p. 123-130.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. Edição integral. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 23. p. 119-35, maio/jun./jul./ago. 2003.

GEEKIE. **Boas práticas: As ferramentas digitais mais populares em sala de aula**. 2016. Disponível em: <https://www.geekie.com.br/blog/ferramentas-digitais-sala-aula/>. Acesso em: 04 jul. 2019.

SALES, Shirlei. Potência Ciborgue: notas para escapar de ciladas teóricas em análises sobre currículos e tecnologias digitais. In: AGUIAR, M.A.S; MOREIRA, A.F.B; PACHECO, J.A.B. **Currículo: entre o comum e o singular**. Recife: ANPAE, 2018. Disponível em: <https://www.anpae.org.br/BibliotecaVirtual/2-Coloquio/Serie7.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiper-conectado: Redes em vez de muros? **Matrizes**, v. 5, p. 195-211, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38333/41193>. Acesso em: 19 jun. 2019.

SOUZA, Anike Laurita de; MACHADO, Vanessa dos Santos. Mulheres incríveis. In: **Viver em Sociedade: Projetos Integradores**. São Paulo: Evoluir Cultural, 2018, p. 18-29.

Para o estudante

A HISTÓRIA de Ruby Bridges. **Youtube**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q1O_XPkWzzo. Acesso em: 04 jul. 2019.

AS NEGAS DO ZIRIGUIDUM. **A primeira criança negra que aos 6 anos enfrentou preconceito ao ser a primeira estudar em escola de crianças brancas**. 2017. Disponível em: <https://www.asnegasdoziriguidum.com.br/2017/09/a-primeira-crianca-negra-que-aos-6-anos.html>. Acesso em: 05 jul. 2019.

DISCURSO de Malala nas Nações Unidas (Legendado). **Youtube**, 22 jun. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLKpqajRruQ>. Acesso em: 06 jul. 2019.

GLOBO. Mulheres Fantásticas #1 | Malala Yousafzai. **Youtube**, 10 mar. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aIUvH5b0A_8. Acesso em: 06 jul. 2019.

GLOBO. Mulheres Fantásticas #3 | Hedy Lamarr. **Youtube**, 24 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ogtJD7PZuno>. Acesso em: 06 jul. 2019.

GLOBO. Mulheres Fantásticas #4 | Yusra Mardini. **Youtube**, 31 mar. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Q6KbS4kV_dw. Acesso em: 06 jul. 2019.

GLOBO. Mulheres Fantásticas #6 | Maria Quitéria. **Youtube**, 14 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DroSw74zqyA>. Acesso em: 06 jul. 2019.

HISTÓRIA VIVA. **Trechos do Diário de Anne Frank**. 02 abr. 2011. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2011/04/trechos-do-diario-de-anne-frank.html>. Acesso em: 05 jul. 2019.

MENINA de 7 anos faz diário na internet sobre a guerra na Síria. **Globoplay**, 25 dez. 2016. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5535808/>. Acesso em: 06 jul. 2019.

SOUZA, Anike Laurita de; MACHADO, Vanessa dos Santos. **Viver em sociedade:** Mulheres incríveis. São Paulo: Evoluir Cultural, 2018.

SUZUKI, Severn. Eco 92: A Menina que calou o Mundo por 5 minutos. **Youtube**, 11 jan. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CfxmxrPQD_c. Acesso em: 06 jul. 2019.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias digitais, cada vez mais presentes na nossa vida, chegam a ser indispensáveis no desenvolvimento de diversas atividades. Da mesma maneira, na escola, elas podem ser muito úteis e não apenas isto, lidar com elas é uma das competências que nós educadores precisamos ter não apenas para desempenhar nossas tarefas burocráticas e rotineiras, como preencher diários, realizar planejamentos e pesquisas. Além disso, temos a responsabilidade de desenvolver tais competências em nossos alunos, para que sejam capazes de utilizar as tecnologias digitais de forma consciente, crítica e criativa. Já sabemos que a cultura digital é parte da constituição da identidade juvenil, e cada vez mais cedo as crianças passam a ter contato com smartphones, tablets, smart TVs. Não é possível que a escola ainda negue esta influência na cultura dos alunos. O professor precisa estar munido de conhecimento e interesse em aprender a lidar com as novas tecnologias, superando assim seus medos e dificuldades e, por que não, para aprender com quem tem pouca idade, mas tem mais afinidade com estas inovações.

O objetivo deste trabalho foi de aplicar os conhecimentos teóricos apreendidos no curso de Especialização em Tecnologias Digitais e Educação 3.0 na construção de sequências didáticas que auxiliem professores a dar o pontapé em direção a aulas mais inovadoras, incluindo as tecnologias digitais não como um recurso diferente para transmissão de conteúdos, mas como uma linguagem que integra outras linguagens: oral, escrita, audiovisual, pictórica, de programação, etc. Deste modo, cada sequência didática buscou romper com o tradicionalismo das aulas expositivas para trazer o aluno para o centro da aprendizagem, permitindo sua participação e a construção coletiva do conhecimento baseada numa pedagogia da escuta, atenta aos interesses e necessidades do educando e acreditando no seu potencial.

Mais do que conteúdos curriculares, no teor de cada sequência didática procurou-se abordar a temática da diversidade e inclusão, temas transversais que não devem ser deixados de lado, diante das diferentes culturas e realidades presentes na escola pública. Desta forma, pretendeu-se permear o trabalho proposto pensando do aluno como um indivíduo integral, de forma a desenvolver nele a consciência cidadã para além dos conteúdos formais.

Sendo professores, acreditamos que a educação é a chave para a

transformação da sociedade. No anseio de buscar alternativas mais eficientes e que tornem a escola um lugar motivador e que traga boas perspectivas de vida aos educandos, entendo que a solução principal está na formação continuada e na nossa motivação em romper com as paredes que nos limitam.

Que a mobilidade trazida pelas tecnologias digitais nos permita ser mais livres, mais ousados para inovar e para aprender com os nossos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GEWEHR, Diógenes. **Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na escola e em ambientes não escolares**. Orientador: Andreia Aparecida Guimarães Strohschoen. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino), Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 06 nov. 2019.

PESSOA, Ana Cláudia Gonçalves. Sequência Didática. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica>. Acesso em: 06 nov. 2019.

SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiper-conectado: Redes em vez de muros? **Matrizes**, v. 5, p. 195-211, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38333/41193>. Acesso em: 19 jun. 2019.